

SOB A DIREÇÃO DE MANUEL DIAS VAZ
TRADUÇÃO JOÃO LOURENÇO

Os estrangeiros na Resistência

O caso dos Portugueses

CRISTINA CLÍMACO – LAURENT DOUZOU
VICTOR PEREIRA – MARIE-CHRISTINE VOLOVITCH-TAVARES



éditions
Quatorze



Sumário

Introdução – MANUEL DIAS VAZ	3
Das resistências à Resistência (1940-1944) – LAURENT DOUZOU	
A “drôle de guerre” e a derrota militar	7
A derrocada	7
Primeiros gestos de recusa: “fazer qualquer coisa”	8
A unificação e a legitimação da Resistência	9
Resistência francesa e Resistência em França	10
Os estrangeiros na Resistência – MARIE-CHRISTINE VOLOVITCH-TAVARES	
Quem eram os resistentes estrangeiros?	11
Trabalhadores imigrados	12
Os exilados políticos e os refugiados	13
Motivações dos alistamentos na Resistência	14
Diversidade das formas adotadas pelos alistados na Resistência	15
As etapas de um reconhecimento do papel dos estrangeiros na Resistência em França	17
Os Portugueses na Resistência – CRISTINA CLÍMACO	
Formação e composição da comunidade portuguesa	19
A entrada na guerra em 1939-1940	20
Os Portugueses face ao ocupante alemão: os primeiros engajamentos	21
A resistência organizada 1942-1944	22
Os portugueses na Resistência: um campo a desbravar – VÍCTOR PEREIRA	25
Um peso global ainda incerto	27
Uma minoria politizada	28
Uma fixação local	31
Lugares de resistência, de detenção ou de execução na Nova-Aquitânia	33
Sobre os estrangeiros na resistência	
Livros	35
Web	35
Filmes/documentários	35
Filmes de ficção	36
Banda desenhada	36
Exposição	36
O comité Sousa Mendes	37
As edições Quatorze	38



ESTELA EM HOMENAGEM A MISSAK MANOUCHIAN NO CEMITÉRIO PARISIENSE D'YVRY. D.R.

“UM ÚNICO COMBATE PARA UMA ÚNICA PÁTRIA”
COLL. AJPN





SUZETTE EHRLICH DO UJRE, IMPRIMINDO NA REPRODUTORA DE PANFLETOS CLANDESTINOS DR

Introdução

OS ESTRANGEIROS NA RESISTÊNCIA EM FRANÇA, COMBATENTES DA SOMBRA DEMASIADO TEMPO ESQUECIDOS.

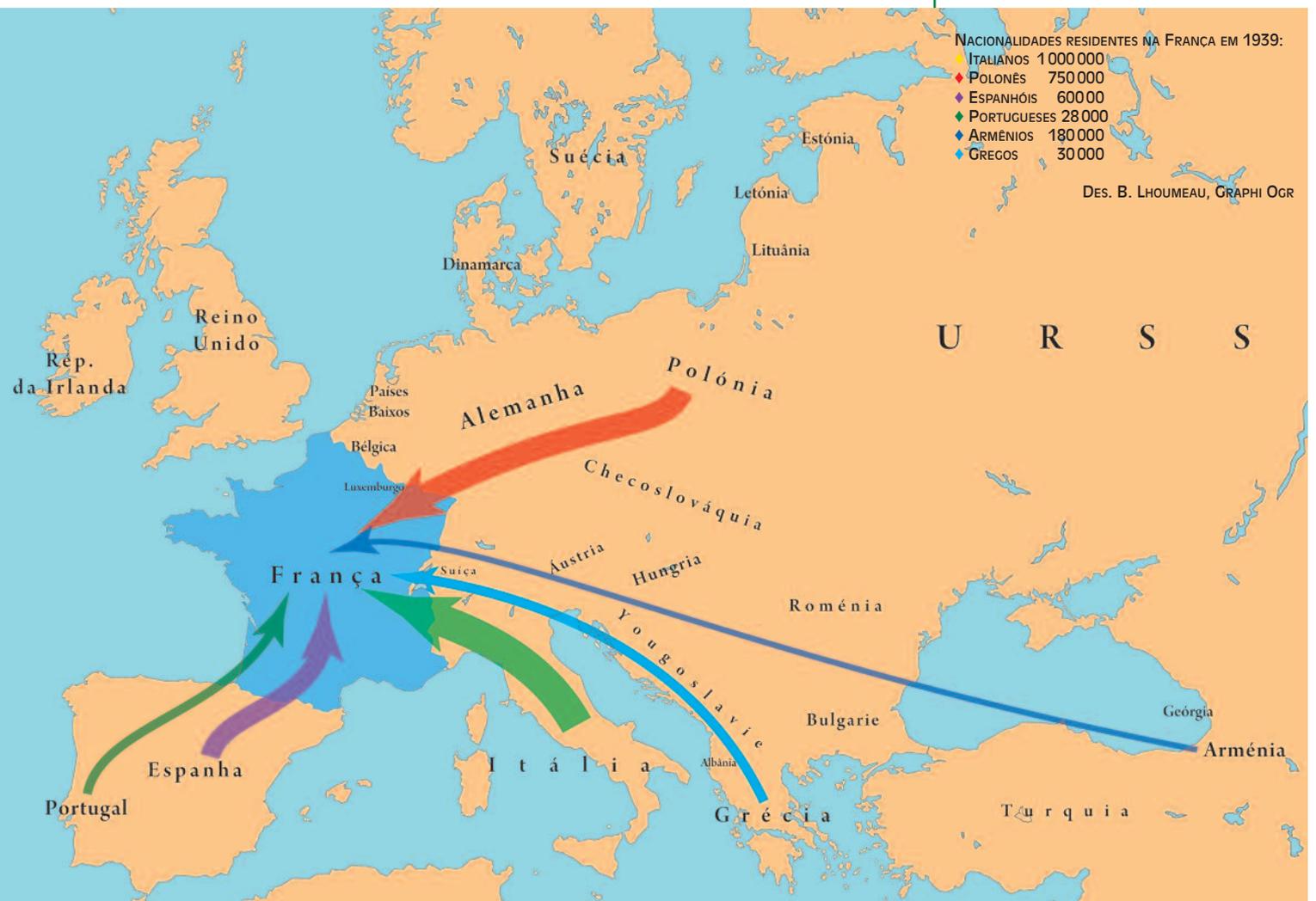
Resistir é um verbo que se conjuga no presente.

Lucie Aubrac

No dia 21 de Fevereiro de 2024, vamos honrar a entrada de Missak Manouchian e de sua esposa Mélinée no Panteão. Orgulhamo-nos por ver totalmente reconhecido, através da sua pessoa, ao lado dos seus companheiros de luta, o valor e a importância dos estrangeiros e dos imigrantes na Resistência e na libertação da França.

O alistamento dos estrangeiros imigrados na Resistência e os laços de amizade e fraternidade com os Franceses, seus companheiros de combate, contribuíram para a integração destas populações na sociedade francesa. Por outro lado, eles participaram ativamente na reconstrução da França, ao seu desenvolvimento e à sua visibilidade, particularmente durante os “Trinta gloriosos”. É necessário, sem cessar, alimentar esta memória e transmiti-la às novas gerações, sobretudo nestes momentos de tensão, da subida dos extremismos e da rejeição dos estrangeiros.

ALGUMAS MULHERES ESTRANGEIRAS ALISTARAM-SE NA RESISTÊNCIA EM FRANÇA. NÃO MENOS IMPORTANTES, MAS MENOS VISÍVEIS QUE OS HOMENS, AS SUAS AÇÕES FICARAM MUITAS VEZES DESCONHECIDAS E, DE QUALQUER MODO, NÃO RECONHECIDAS. ALGUMAS MULHERES FIGURAM NESTE DOCUMENTO. COM O NOSSO CONHECIMENTO, DEZ PORTUGUESAS PARTICIPARAM ATIVAMENTE NA RESISTÊNCIA, ENTRE ELAS HORTENSE ANTUNES E FRANCE OULMAN, QUE FURÃO EXEMPLARES.





PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL INDEPENDENTE DOS PIRENÉUS, FEVEREIRO DE 1939. FONTE NO PASARAN, ALBUM RECORDAÇÃO HENRI FRANÇOIS IMBERT.

Desde há quarenta anos, os trabalhos dos historiadores permitem-nos conhecer melhor as páginas da nossa história, durante muito tempo posta de lado. É o caso dos estrangeiros na Resistência. O seu compromisso, o sangue vertido para defender a França e os seus ideais, lutando contra o fascismo, levaram muito tempo a serem reconhecidos e louvados.

Só a partir dos anos 1970 é que este papel vai progressivamente ser valorizado com o avanço das investigações históricas. É a partir dos anos 80 que o grande público vai ter conhecimento através de emissões de rádio e televisão e das publicações. A entrada de Missak e de Mélinée Manouchian no Panteão, representa uma etapa fundamental deste longo percurso das memórias e deste reconhecimento nacional.

A resistência em França, desde o seu início comporta imediatamente uma dimensão internacional e universal.

Desde a ocupação da França em Junho de 1940 pelas tropas do 3º Reich e a capitulação do marechal Pétain, uma parte dos estrangeiros imigrados residentes em França, tomaram parte na Resistência a fim de lutar contra o fascismo e o nazismo para defender a França, a República, a liberdade e os direitos do Homem.

Antes da guerra de 1939, a França contava já com 3.800.000 estrangeiros, trabalhadores imigrantes e refugiados, fugindo das ditaduras e das perseguições racistas. Viviam sobretudo nas grandes zonas de emprego. Eram italianos, polacos, espanhóis, portugueses, alemães, belgas, suíços, arménios ou dos países de Leste.

ORDEM DE MOBILIZAÇÃO GERAL. O PRIMEIRO DIA DA MOBILIZAÇÃO GERAL É NO SÁBADO, 2 DE SETEMBRO DE 1939. COL. AJPN

Com a aproximação da guerra, o governo francês reagrupou numerosos estrangeiros nos campos de internamento e, desde Janeiro de 1939, refugiados espanhóis ou membros das Brigadas internacionais. No início da guerra, alguns estrangeiros internados nestes campos vão alistar-se nos regimentos dos voluntários estrangeiros e outros, na Legião estrangeira. Depois da derrota, foram numerosos os que se juntaram aos diferentes movimentos da Resistência. Uma parte deles, possuía uma boa experiência dos combates adquirida nos países de origem contra o fascismo: na Itália, em Portugal e igualmente no decurso da guerra de Espanha (1936-1939) no seio dos Republicanos ou das Brigadas internacionais. Outros estrangeiros integram as Forças Francesas Livres (FFI), tal como os Republicanos espanhóis, presentes na *Nueve*, 9ª companhia, da 2ª DB do general Leclerc, ou ainda os italianos da brigada Garibaldi, sem esquecer os soldados recrutados nas colónias francesas de África.

Mas o seu compromisso e o seu combate foram demasiado tempo minimizados, quase invisíveis por razões políticas que se encontravam na variedade dos partidos políticos franceses, numa visão de unidade nacional de libertação da França.

A constituição em 27 de Maio de 1943 do Conselho Nacional da Resistência, dirigido por Jean Moulin sob a autoridade do general de Gaulle, conduz progressivamente a tornar invisível e a considerar como secundário o papel dos estrangeiros na Resistência.



Ainda hoje, as homologações concedidas aos estrangeiros, estão longe de refletir realmente este compromisso maciço na Resistência, os estrangeiros representavam 20% dos resistentes em França. Foi necessário esperar pelo ano 2000 para que a menção “Morto pela França” fosse atribuída aos resistentes estrangeiros, sendo outrora reservada somente aos franceses. Quanto às pensões dos antigos combatentes das colónias, cristalizadas em 1958, foi apenas em 2020 que elas puderam ser pagas na totalidade aos herdeiros nos países de origem.

Ainda restam alguns símbolos de figuras destes estrangeiros na Resistência em França:

- os vinte e três membros do grupo Manouchian, dos quais os dez do “Cartaz vermelho” fuzilados no dia 21 de Fevereiro de 1944 pelos nazis, no Monte Valérien (entre eles, três franceses e dez imigrantes chegados a França na infância);
- Joséphine Baker, resistente afro-americana;
- Boris Vildé, chefe do grupo dos Resistentes do Museu do Homem em Paris;
- os combatentes da *Nueve* da 2ª DB que contribuíram para a Libertação de Paris em 24 de Agosto de 1944;
- Joseph Epstein, o chefe dos FTP-Moi (*Franco Tireurs Partisans*) da mão d’obra emigrantes.

As investigações de historiadores e descrições de vidas, ensinam-nos que, entre 1940 e 1945, mais de 130.000 estrangeiros foram vítimas de deportação da França para os campos de concentração alemães devido aos seus atos de resistência. A saber igualmente que milhares de estrangeiros foram arrastados de força nos grupos de trabalhadores estrangeiros enviados para a Alemanha pelo governo de Vichy ao serviço da economia de guerra, através da organização TODT.



BORIS VILDÉ. ORIGEM MUSEEBORISVILLE.COM DR



JOSEPHINE BAKER ENTROU NO PANTÃO NA TERÇA-FEIRA, DIA 30 DE NOVEMBRO DE 2021. FOI A PRIMEIRA PERSONALIDADE ESTRANGEIRA A ENTRAR NO PANTÃO E A SEXTA MULHER, DEPOIS DE SIMONE VEIL, EM 2018, CELEBRANDO ASSIM, O SEU COMPROMISSO AO LADO DA FRANÇA LIVRE E NA LUTA ANTIRRACISTA DE “MULHER DEFENDENDO O GÊNERO HUMANO”, SEGUNDO AS PALAVRAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. FOTO STUDIO HARCOURT- WIKIMEDIA COMMONS.

Em 1939, vinte e oito mil Portugueses residiam em França, em grande parte trabalhadores e suas famílias, antigos soldados portugueses alistados na guerra de 1914-1918 e exilados políticos. Desde a ocupação da França pelas tropas alemãs, alguns portugueses alistaram-se com força e coragem na Resistência para defender o país que os acolheu. Mais de 500 portugueses foram até hoje identificados. A ação destes combatentes foi durante muito tempo ignorada em França e em Portugal.

A fim de reparar esta injustiça, desde 2018, o Comité Sousa Mendes e a delegação Nova Aquitânia da Liga dos combatentes e resistentes portugueses, com o apoio de historiadores e de universitários, iniciamos um ciclo de dez conferências, realizado um documentário e concebido uma exposição “Os estrangeiros na resistência em França, o caso dos Portugueses”. É com uma vontade tenaz e uma grande determinação que, em Bordéus e na Nova Aquitânia, encetamos este trabalho de memória para dar a conhecer e prestar homenagem a todos os estrangeiros, combatentes da sombra, muitas vezes esquecidos e, em particular aos 500 resistentes portugueses.

A entrada de Missak Manouchian no Panteão francês a 21 de Fevereiro de 2024 é uma etapa importante neste longo trabalho de memória e de reconhecimento.

René Char escreveu:

Era preciso escolher o seu campo, nós fizemos a escolha da resistência, de nos alistar, de combater com o perigo das nossas vidas. Apenas cumprimos o nosso dever ao serviço da Liberdade e da França.

Manuel Dias Vaz



SEMILAGARTA GUERNICA DA NUEVE (9ª COMPANHIA DA 2ª DIVISÃO BLINDADA DO GENERAL LECLERC). OS VEÍCULOS DA NUEVE ERAM BATIZADOS COM NOMES DE COMBATES DA GUERRA DE ESPANHA. O GOVERNO PROVISÓRIO DA RESISTÊNCIA OPTOU POR ESCONDER ESTES NOMES NAS FOTOS DA SUA ENTRADA EM PARIS, A FIM DE REVINDICAR QUE PARIS FOI LIBERTADO PELOS FRANCESES – ENQUANTO QUE ESTES COMBATENTES ESTRANGEIROS ERAM PORTADORES DE ESPERANÇA E DE LUZ NO AMOR PELO PAÍS QUE ESCOLHERAM QUE OS ACOLHEU. (CQFD) ORIGEM: LA NUEVE OU OUBLIÉS DE LA VICTOIRE, ALBERTO MARQUADT

Das resistências à Resistência (1940-1944)

A “drôle de guerre” e a derrota militar

O Reino Unido e a França declaram guerra à Alemanha a 3 de Setembro de 1939, após a invasão da Polónia. Após nove meses da “drôle de guerre”, sem operações militares terrestres, em que os exércitos guardam as respectivas posições, Hitler desencadeia a ofensiva da Wehrmacht na frente Oeste, a 10 de Maio de 1940. As forças holandesas capitulam a 14 de Maio. E duas semanas mais tarde, é a vez da Bélgica depor as armas. Apesar dos intensos combates, a situação do exército francês torna-se rapidamente alarmante. A 18 de Maio, o Presidente do Conselho, Paul Reynaud, assume a pasta da Defesa Nacional e nomeia como vice-presidente do Conselho, o marechal Philippe Pétain, o prestigiado “vencedor de Verdun”. A 4 de Junho, os alemães rompem a frente de guerra e avançam em direcção de Rouen e Reims. No dia seguinte, Charles de Gaulle, general de brigada a título temporário, é nomeado subsecretário de Estado da Defesa Nacional. Na realidade, é já demasiado tarde para que a situação militar possa ser revertida.

A 10 de Junho, no mesmo dia em que a Itália declara guerra à França, o governo francês abandona a capital. A retirada dos exércitos transforma-se em debandada. A 14, os alemães entram em Paris declarada cidade aberta, que as autoridades decidiram não defender. Entretanto, o governo francês refugia-se em Bordéus. O debate, em círculo restrito, entre os partidários da continuação dos combates (Paul Reynaud) e os defensores do armistício (Philippe Pétain), é aceso. A 16 de Junho, Reynaud demite-se e Pétain torna-se Presidente do Conselho. No dia seguinte, Pétain apela ao fim dos combates e anuncia que solicitara o armistício.

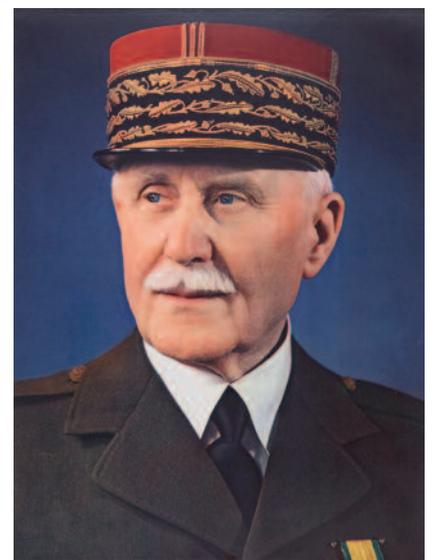
Entre 10 de Maio e 25 de Junho de 1940, as baixas sofridas pelo exército francês ascenderam a cerca de 60.000 mortos, 200.000 feridos e 1.500.000 prisioneiros de guerra. As tropas que, num esforço derradeiro, tentavam ainda aguentar o avanço alemão, foram vítimas de vários massacres perpetrados pela Wehrmacht, em particular os atiradores senegaleses: nos dias 19 e 20 de Junho, a noroeste de Lyon, em Chasselay, 194 soldados originários da África de Oeste foram metralhados ou esmagados pelos blindados alemães.

A derrocada

Temos dificuldade nos nossos dias em medir o traumatismo causado por esta derrota humilhante, inesperada e fulminante. Para se ter uma ideia do seu impacto, é necessário ler *L'Étrange défaite* (A Estranha derrota), “este processo-verbal do ano 1940” relatado pelo historiador Marc Bloch ou, para retomar o título da segunda parte da obra, esta “deposição de um vencido”: “Qualquer que possa ser o sucesso final, a sombra do grande desastre de 1940 não está prestes a apagar-se”.

Esta derrota tem por pano de fundo uma crise de identidade colectiva que, sem chamar a atenção, minou o país até aos seus fundamentos. Os seus actores são múltiplos: o envelhecimento demográfico, a memória obsessiva da hemorragia de 14-18, a crise económica, os medos e os afrontamentos do Verão de 1936, as desilusões e a degradação da unidade popular, a força do pacifismo, a questão comunista. Segundo Pierre Laborie, a nação atinge, em Junho de 1940, “na sua totalidade, um nível indiscriminável de decomposição”.

Laurent Douzou
Professor emérito de história na Universidade Lumière de Lyon II e na IEP de Lyon. É especialista da história e memória da Segunda Guerra mundial e da Resistência interior francesa.



PHILIPPE PÉTAÏN. FOTOGRAFIA OFICIAL A CORES, REPROGRAFIA DRAEGER, 1941. FOTO GALLICA



WINSTON CHURCHILL. ESTÁTUA DE JEAN CARDOT, PARIS 8, FOTO B. LHOUMEAU



JEAN MOULIN, 1940 © MARCEL BERNARD © MUSEU DA LIBERTAÇÃO DE PARIS. MUSEU DO GENERAL LECLERK. MUSEU JEAN MOULIN



Nessa altura, os franceses, submersos pela catástrofe, deixam-se persuadir pelo regime autoritário, instaurado por Pétain, em Vichy, em Julho, que a derrota se deve antes de mais aos soldados (supostamente gangrenados pela Frente Popular e pelo pacifismo), aos Ingleses e ao pessoal político da 3ª República. É esquecer depressa demais as dezenas de milhar de militares franceses que morreram de armas na mão. É subestimar a inabalável determinação britânica. É ignorar os esforços de armamento e de modernização empreendidos desde 1936. E é, sobretudo, silenciar as responsabilidades do alto comando: o exército francês sofreu menos da insuficiência de meios do que do modo de os utilizar. O dogma defensivo herdado de 14-18 levou o Estado-Maior a recusar o emprego conjugado de blindados e da aviação.

O que então domina as preocupações dos franceses é, de longe, o desmoronamento de um país inteiro, simbolizado pelo êxodo: 8 milhões de pessoas palmilharam, num momento ou noutro, as estradas de França. Um êxodo desesperado em direcção ao Sul e o mais longe possível. No *Premier combat* (Primeiro Combate), texto escrito durante o Inverno de 1940-1941, Jean Moulin, Prefeito do departamento de Eure-et-Loire na data destes acontecimentos, conta que, a 15 de Junho de 1940, na cidade de Chartres restaram apenas 800 habitantes dos 23.000 que a cidade continha em tempo normal! O êxodo é ressentido por toda a população como um traumatismo profundo, que contribui para a perda de pontos de referência, o que leva a esmagadora maioria da população a aderir à acção e ao discurso de Pétain. O general de Gaulle, que entretanto deixara de ser membro do governo, sem notoriedade nem mandato, parte a 17 de Junho para Londres. É daqui que lança, no dia 18, um apelo à continuação do combate. Os inícios da legião “de Gaulle” são extremamente difíceis. Em Agosto de 1940, um acordo passado com Churchill, oferece, ao que será doravante a França Livre, meios de acção e credibilidade, mas esta deverá travar um combate longo e incerto para obter reconhecimento militar e legitimidade política.

Primeiros gestos de recusa: “fazer qualquer coisa”

“Fazer qualquer coisa”: na noite da Ocupação, o reflexo patriótico, a improvisação e os tactea-mentos inventivos caracterizam as primeiras recusas. É o tempo das acções individuais praticadas por quem tenta reagir face a uma situação que, a seus olhos, é inaceitável. Actos espontâneos que passam pela ajuda à evasão, esconder prisioneiros de guerra ou de aviadores aliados abatidos, recuperação de armas, confecção de panfletos com materiais de fortuna para informar, despertar as consciências e alimentar a esperança. Estes actos dispersos agregam-se pouco a pouco no Outono de 1940. As individualidades fundem-se em núcleos que se formam e se ligam uns aos outros, e desenvolvem-se organizações mais estruturadas, tais como “Liberté”, na zona não-ocupada, ou “Valmy”, na zona ocupada. Esta resistência em gestação é então ultraminoritária e marginal.

Pouco a pouco, emergem dois tipos de grupos de resistência com objectivos e funções distintas. As redes que se concentram em actividades essencialmente militares (evasão, informação, sabotagens) e estão subordinadas aos serviços secretos da França Livre (o Bureau Central de Renseignement et d'Action) ou aos dos Aliados (os britânicos Intelligence Service e Special Operations Executive, o norte-americano Office of Strategic Services, etc). Por sua vez, os movimentos desenvolvem uma acção essencialmente política: atingir uma população que não tem acesso à informação e se encontra privada das liberdades democráticas. É a condição para recrutar e pensar um futuro possível. Na zona Sul, os principais movimentos que emergem progressivamente são: Combat, Franc-Tireur e Libération. Na zona norte, podemos citar Ceux de la Libération, Ceux de la Résistance, Défense de la France, Libération, L'Organisation Civile et Militaire. Os grupos precocemente constituídos, tais como Valmy ou a nebulosa do Museu do Homem, são rapidamente desmantelados pelo Ocupante, ainda que alguns dos elementos que conseguem escapar às operações policiais, se mantenham activos noutros sítios. De forma independente dos movimentos, os sindicatos (CGT, CFDT) e os partidos políticos (principalmente o partido comunista francês e o partido socialista, SFIO) desenvolvem também uma acção resistente.



A FRANÇA DIVIDIDA EM DOIS.
DES. B. LHOUMEAU, GRAPHI OGR

A unificação e a legitimação da Resistência

Até ao primeiro semestre de 1942, estas organizações clandestinas têm dificuldade em recrutar e romper o isolamento. Contudo, apesar da situação, conseguem implantar-se nas cidades e depois nas zonas rurais, e acabam por se unir sob a autoridade do general de Gaulle, graças à acção decisiva do seu emissário, Jean Moulin (aliás Rex, Max). Este consegue, a 27 de Maio de 1943, reunir movimentos, partidos e sindicatos resistentes no seio do Conselho Nacional da Resistência, mas não chegará a ver os frutos da sua acção: preso pelos Alemães em Caluire, no dia 21 de Junho de 1943, é longamente torturado, acabando por sucumbir aos ferimentos a 8 de Julho, na estação de Metz, a bordo do comboio que o levava para a Alemanha. Na altura em que Jean Moulin desaparece, a dinâmica resistente é cada vez mais forte. As organizações clandestinas enraízam-se na sociedade. Com o passar do tempo, o regime de Vichy, - que desde o encontro de Hitler com Pétain em Montoire, em Outubro de 1940, defende a colaboração com a Alemanha nazi, e se afirma cada vez mais como um poder liberticida e persecutório -, perde o apoio da opinião pública, tanto mais que o curso da guerra, que se tornou mundial em 1941 com a entrada em guerra da URSS e dos Estados Unidos, está a mudar, com desvantagem manifesta para as forças do Eixo.

O aparecimento dos *maquis* [grupos de guerrilheiros] é a consequência da instauração, por Vichy, do Serviço Nacional do trabalho obrigatório (STO) na Alemanha, em Fevereiro de 1943. Grupos de jovens refratários escondem-se para escapar às requisições. Os *maquis* são, nesta altura, simples refúgios implantados em meio rural, nos bosques e em maciços montanhosos, que as orga-



GENERAL CHARLES DE GAULLE. COL. AJPIN

Os estrangeiros na Resistência

Durante os anos 1940-1944, numerosos estrangeiros alistaram-se em todas as formas da Resistência em França: propaganda, informações, diversas redes e grupos de luta armada nos matos (maquis) e no exército de Libertação.

Os estrangeiros que combateram na Resistência em França, faziam parte de todos os grupos de estrangeiros que viviam em França em Junho de 1940, que sejam imigrantes, refugiados ou exilados. E um pequeno número entre eles entrou rapidamente na Resistência, como foi o caso da minoria de franceses resistentes desde o início da ocupação nazi e da colaboração do governo de Pétain, quer tenham ou não ouvido o apelo do general de Gaulle em 18 de Junho de 1940.

Por razões históricas e políticas diversas, respeitantes às complexidades para a homologação de resistentes, é difícil conhecer o número exato dos resistentes estrangeiros. Assinalemos também, que a menção “Morto pela França”, foi largamente “reservada” aos Franceses até a uma data recente. Conhecemos apenas elementos parciais que dão uma ideia da importância do número de resistentes. Assim, dos 1.000 fuzilados no Monte Valérien, 185 eram estrangeiros, o que é uma proporção importante, superior à proporção de estrangeiros na sociedade francesa. Atualmente, os estudos concordam em constatar que a proporção de resistentes entre os estrangeiros, é superior à dos franceses resistentes em relação ao conjunto dos franceses. Não esquecer que, no caso dos franceses ou dos estrangeiros, os resistentes foram sempre uma minoria. É necessário também lembrar que a força da Resistência repousou sobre a multiplicidade das ações de apoio e de solidariedade de numerosos franceses e estrangeiros.

Quem eram os resistentes estrangeiros? Imigrados, exilados, refugiados.

A França é um país de forte imigração desde o século XIX e foi um dos principais países de imigração da Europa. Em 1931 havia cerca de três milhões de estrangeiros em França.

Quer se trate de estrangeiros chegados a França há pouco tempo ou de imigrados ou ainda de refugiados de longa data, encontramos-os nas mais diversas formas de resistência, o mais das vezes, lutando ao lado dos franceses, pela liberdade e pela democracia em França e nos diversos países da Europa de onde eram originários.

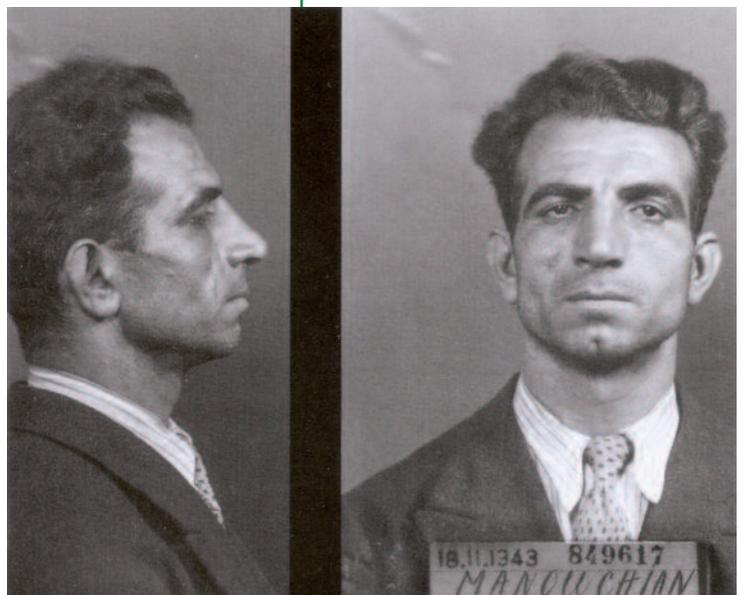
Um bom exemplo para saber quem eram os estrangeiros na Resistência é-nos dado pelo “grupo Manouchian” que as autoridades nazis e petanistas quiseram estigmatizar através do “Cartaz vermelho”. Entre os vinte e três fuzilados e os dez que constam no Cartaz, encontram-se misturados franceses e estrangeiros, que sejam imigrados em França de longa data ou de exilados do período entre as duas guerras ou ainda de refugiados chegados há pouco a França. Sobre os dez do “Cartaz vermelho”, bem como sobre os vinte e três do “grupo Manouchian”, conta-se um número importante de imigrados, um grande número chegado a França durante a infância (seis do Cartaz). Entre estes estrangeiros, encontramos exilados políticos de ditaduras fascistas e nazis da Europa (um filho de antifascistas italiano e um republicano espanhol) e também estrangeiros, membros das Brigadas Internacionais que combateram com os Republicanos espanhóis e se refugiaram em França com eles. De notar que um dos “dez” era um Francês, nascido em França, filho de

Marie-Chistine Volovitch Tavares, é vice-presidente do CERMI (centro de estudos e investigação sobre as migrações ibéricas). Antiga aluna do ENS Fontenay, professora agregada de história, viveu em Lisboa para o seu doutoramento sobre “O catolicismo social em Portugal, 1891-1910” (Paris III, dir. Frederic Mauro.)

Desde 1993 consagra-se à história dos Portugueses em França no século XX, com trabalhos pioneiros na história desta imigração, primeiramente sob a égide de Pierre Milza no CHEVS (centro de história do século XX, Ciências Políticas – Paris), com a obra Portugueses em Champigny, o tempo das barracas, 1995.

De 2002 a 2007, foi membro do comité de história da missão de prefiguração do museu nacional de história da imigração e co-redatora dos textos da primeira exposição permanente. As suas investigações abrangem diversos aspetos da imigração dos Portugueses nos anos 1960 (trabalhadores exilados) e investigações pontuais sobre a primeira parte do século XX, como a Grande Guerra). Participou em numerosos colóquios e redigiu vários artigos em revistas com ligações à história da imigração em França, tal como Homens e Migrações (revista associada ao museu nacional da história da imigração), em Migrance (revista da associação Génériques) e em Exílio e Migrações ibéricas (revista do CERMI). Com a preocupação de divulgar mais amplamente esta história, participou em ações pedagógicas e colaborações com associações portuguesas propondo uma reflexão, tal como “Interação França-Portugal”, “Latitudes” e o “Comité Sousa Mendes”. Publicou uma síntese para o grande público em 2016, “100 anos de história dos Portugueses em França”.

MISSAK MANOUCHIAN, FOTOS DO PROCESSO DE POLÍCIA.
PREFEITURA DE POLÍCIA. DR





OS 22 COMPANHEIROS DO GRUPO MANOUCHIAN FORAM FUZILADOS NO DIA 21 DE FEVEREIRO DE 1944 NO MONTE VALÉRIEN. FONTE INA-FR

um imigrante polaco e de uma francesa e que dois outros franceses, faziam parte dos vinte e três fuzilados.

Em Fevereiro de 1944, as autoridades nazis de ocupação em França, com a colaboração dos responsáveis franceses ligados à política de colaboração do governo petanista, acentuaram a repressão contra os grupos de

resistentes. Na região parisiense, prenderam um grupo muito ativo de vinte e três membros, a maioria estrangeiros, (dos quais uma mulher) fuzilados no dia 21 de Fevereiro de 1944. Com a finalidade de os estigmatizar, e através deles, estigmatizar toda a Resistência, os serviços de propaganda editaram um cartaz cujas cores e títulos estavam destinados a estigmatizar os resistentes deste grupo através de um conjunto de resistentes. Este cartaz, conhecido como “Cartaz vermelho” pelo facto da sua cor dominante, denunciava “A libertação pelo exército do crime!” e punha em evidência dez membros do “grupo Manouchian” (seu chefe) que eram designados como assassinos, perigosos terroristas, estrangeiros criminais, na sua maioria judeus e não Franceses libertadores lutando contra a ocupação do seu país. Todavia, ao contrário do efeito pretendido, “O cartaz vermelho” não conseguiu uma recusa maciça das ações dos Resistentes. E mais, depois a Libertação e a partir dos anos 1960, este cartaz tornou-se o símbolo do compromisso dos estrangeiros na Resistência. O poeta Louis Aragon dedicou-lhes um poema em 1956 e popularizado por Léo Ferré, na sua canção, em 1961.

TRABALHADORES IMIGRADOS

A maior parte dos imigrados eram trabalhadores estrangeiros que tinham imigrado para França para procurar uma vida melhor, graças ao seu trabalho. Estes homens e estas mulheres tinham maciçamente sido recrutados para a modernização da França como operários nas minas e diversas empresas industriais e na agricultura. Vinham de vários países europeus. Os italianos formavam o grupo mais importante e o mais antigo. Eram já um milhão antes de 1914, seguidos, em números pelos Espanhóis. Depois, a partir dos anos 1920, tínhamos recrutado cerca de meio milhão de trabalhadores polacos, sobretudo para as minas. É preciso acrescentar outros grupos de imigrados vindos de diversos países da Europa do Sul (Gregos e sobretudo Portugueses) e da Europa de Leste (Checos, Jugoslavos, Romenos). A partir da Primeira Guerra mundial, foram recrutados os primeiros grupos de trabalhadores das colónias francesas (sobretudo da África do Norte e por vezes da Indochina) bem como grupos de trabalhadores chineses.

Foram numerosos a participar na Resistência num país onde se encontravam instalados, onde estavam inseridos pelo trabalho, pela sua vida quotidiana, de vizinhança e através de numerosos casamentos mistos. A maior parte vivia em França há longos anos, onde alguns chegaram na infância. Como declarou o imigrante Italiano Spartaco Fontano (um dos dez do “Cartaz vermelho”), durante o seu processo lhe perguntaram porque é que ele, sendo estrangeiro, era resistente em França: “Para um operário, a Pátria é o país que lhe dá trabalho”. Os imigrados juntaram-se aos franceses na resistência, lutando no seio de uma sociedade que era a sua, ao lado daqueles com quem comungavam da vida e dos valores desde há numerosos anos, sendo por vezes, vizinhos, colegas, muitas vezes companheiros nos sindicatos, partidos e associações democráticas.

OS EXILADOS POLÍTICOS E OS REFUGIADOS

A França era também desde o século XIX um país que tinha acolhido numerosos exilados políticos e refugiados, fugidos das perseguições políticas e racistas. Um número considerável de estrangeiros que participaram na Resistência em França eram exilados políticos dos anos 1920 e 1930 e outros chegados poucos anos antes da guerra.

Nos princípios da Segunda Guerra mundial, havia em França numerosos exilados políticos que recusaram as ditaduras na Europa, cujo número aumentou a partir dos anos 1920, primeiro com o fascismo na Itália (1922), depois as ditaduras em Portugal (1926) e na Europa de Leste e por fim com a implantação do 3º Reich alemão em 1933 e as anexões (Áustria, Checoslováquia). Alguns Alemães e Austríacos foram por isso ativos na Resistência em França, quer seja nas redes de informação, na infiltração nos serviços nos serviços de ocupação e no mato (maquis), como por exemplo os três Alemães à cabeça dos guerrilheiros, aquando da Libertação da pequena vila de La Rivière (Lozère) em 1944.

Desde os anos 1920, existia uma nova categoria de refugiados, apátridas, protegidos pela SDN (Sociedade das Nações fundada em 1919), sobretudo Arménios, escapados do genocídio organizado pelo império turco Otomano (1915-1916) e exilados vindos do ex-império russo depois da formação da URSS. Lembremos que o “chefe” do grupo do “Cartaz vermelho”, Missak Manouchian era um destes refugiados Arménios e que o seu irmão era um membro do grupo.

As perseguições raciais nazis tinham, no decurso dos anos 1930, provocado a fuga da Alemanha hitleriana e dos países por ela anexados (Áustria, Checoslováquia) de numerosos judeus e a ameaça (Polónia) a procurar refúgio em França.



NA ESTRADA DE CERBÈRE. MILICIANOS ACABANDO DE ATRAVESSAR A FRONTEIRA. FOTO APA, *NO PASARAN*, ALBUM SOUVENIR, HENRI FRANÇOIS IMBERT



GRUPO DE GUERRILHEIROS ALEMÃES DE LOZÈRE DESFILANDO EM NIMES, AQUANDO DA LIBERTAÇÃO DA VILA. COL. MRN

Por fim, em 1939, com o fim da guerra civil de Espanha (1936-1939) e a derrota do exército republicano, trouxeram cerca de 500.000 refugiados em França, com uma “retirada” desordenada, misturando milhares de famílias de civis aos soldados espanhóis vencidos, aos quais se integravam uma pequena minoria de combatentes de diversas nacionalidades que tinham escolhido combater ao lado dos republicanos espanhóis nas Brigadas internacionais e nas milícias republicanas espanholas.

Motivações dos alistamentos na Resistência

Quer sejam estrangeiros recentemente chegados ou imigrantes de longa data, estes resistentes participaram a muitas e diversas formas de resistência.

As suas motivações conjugavam-se com as dos resistentes franceses, mesmo se alguns dos seus compromissos precederam os dos resistentes franceses, na medida em que eram particularmente ameaçados pelas medidas de perseguição política e racista das autoridades de ocupação nazi apoiadas pelos responsáveis da colaboração. Os estrangeiros foram também atingidos, antes dos franceses, pelas medidas de requisição de trabalhadores para o esforço de guerra do 3º Reich e pelas exigências económicas do Estado francês.

Os estrangeiros eram duplamente ameaçados como todos em França, pelas medidas da ocupação nazi e da colaboração do governo de Pétain, mas também, e mais particularmente ameaçados por serem estrangeiros. É bom não esquecer o caso específico dos Judeus, vítimas das medidas de perseguição antisemitas, antes mesmo das deportações, medidas que respeitavam ao mesmo tempo os Judeus estrangeiros e os Judeus franceses. Os resistentes estrangeiros judeus, foram um caso particular, na medida em que as perseguições antisemitas os tocaram em primeiro lugar, mesmo se os judeus franceses foram também rapidamente implicados. Mas os Judeus estrangeiros foram designados imediatamente como as primeiras vítimas da ocupação nazi e da colaboração petanista, quer fossem antigos imigrantes em França ou recentes refugiados.

Todos lutaram para a liberdade e o retorno da democracia para a França, num largo leque de compromissos ideológicos e políticos, convergentes com as motivações dos Franceses resistentes: compromissos humanistas, libertação da Pátria, prosseguir as lutas sindicais e políticas do antes da guerra. Muitas vezes, estas motivações não se excluía mas completavam-se.

A parte dos comunistas estrangeiros na Resistência em França foi notável, como foi o caso dos Franceses comunistas que formaram uma parte importante da Resistência. Estes resistentes estrangeiros comunistas eram, ou imigrantes de longa data, militantes comunistas em França antes da guerra, ou exilados políticos, já comunistas nos seus países de origem.

Além das suas motivações comuns com as dos resistentes franceses, os resistentes exilados políticos esperavam que o retorno à liberdade e à democracia em França, se acompanharia também da libertação nos seus países de origem, quer se tratasse dos aliados do 3º Reich (como a Itália fascista) ou das ditaduras próximas dos nazis (Portugal e Espanha) ou ainda de países sob ocupação militar hitleriana (Polónia e os países da Europa de Leste). Um resistente italiano declarou: “combatiam hoje em França, amanhã na Itália”. Um dos cânticos dos resistentes era “Bella ciao” que era o cântico dos resistentes italianos que combatiam no solo italiano. E muitos dos republicanos espanhóis combatiam na Resistência em França, arvoravam bandeiras da república espanhola democrática que esperavam restaurar, pela sua participação na libertação de várias cidades do Sul da França no verão



de 1944. E no dia 24 de Agosto de 1944, aquando da libertação de Paris, eles arvoravam o emblema da república espanhola nos blindados que conduziam à cabeça do exército de Libertação, arvorando ainda estas bandeiras, aquando do desfile guiado pelo general de Gaulle.

De assinalar também a presença, embora minoritária, dos diversos grupos de resistentes, como Alemães antinazis, exilados em França e por vezes desertores do exército alemão de ocupação, bem como de Russos desertores da Wehrmacht que os havia recrutado.

Não esquecer a participação na resistência dos atiradores africanos e malgaxes vindos do exército francês e prisioneiros evadidos.

Diversidade das formas adotadas pelos alistados na Resistência

Encontramos estrangeiros em todas as formas de resistência: a propaganda, as redes de fuga, as informações às forças aliadas, o apoio às formas mais variadas de resistência e o alistamento nos grupos armados (no mato “maquis” ou no exército francês).

Foram numerosos os estrangeiros que se incorporaram ao exército francês desde o início da guerra em 3 de Setembro de 1939, ou na Legião estrangeira ou ainda nos RMVE, Regimentos de Marcha dos Voluntários Estrangeiros.

Depois da derrota francesa em Junho de 1940 e da ocupação e colaboração do governo de Pétain com o 3º Reich, muitos estrangeiros que se tinham alistado no exército francês, alistaram-se nas diversas formas de resistência, alguns puderam mesmo juntar-se às Forças Francesas Livres.

GUERRILHEIROS REPUBLICANOS ESPANHÓIS, JUNTOS NA LUTA ARMADA. COL MTN



A COMPANHIA MARAT ORGANIZA UMA SABOTAGEM EM AUBAGNE. FOTO JULIA PIROTTE. COL. MRN

Encontramos estrangeiros e imigrados, nos alistamentos mais diversos na Resistência, que se trate de ações de propaganda variadas, de informações para as forças aliadas, de redes de passadores para os resistentes, perseguidos, soldados aliados ou ainda ações locais muito diversas. Os estrangeiros foram muito numerosos nas ações armadas, quer fossem ações pontuais em pequenos grupos (descarrilamento de comboios, dinamitar elementos estratégicos e, raramente, assassinatos direcionados a responsáveis nazis) ou grupos de guerrilheiros.

Muitas vezes, os estrangeiros encontravam-se com os Franceses e outros imigrantes com os quais eram próximos pela filiação política, sindical ou ideológica. Os seus compromissos variavam também, para todos os resistentes, Franceses e estrangeiros, em função das situações geográficas.

Houve poucos grupos de resistência unicamente formados em torno de uma só origem, exceto alguns casos como os italianos (cujo grupo “Camagnole”) dos Judeus, dos Espanhóis e Polacos.

Os resistentes judeus encontraram-se em todas as formas de resistência, muitas vezes com resistentes franceses, judeus ou não, outras vezes em grupos especificamente judeus. Foram muito ativos nas diversas formas de redes de ajuda às evasões ou à constituição de “refúgios” em França, particularmente para as crianças. Alguns juntaram-se rapidamente a de Gaulle, integrando as Forças interaliadas ou diretamente nas forças britânicas. Outros participaram em numerosas redes e grupos armados em França, com referências ideológicas muito diversas. As FTP-MOI (Franco Atiradores e Guerrilheiros, Mão-de-obra estrangeira) reagrupava numerosos Judeus estrangeiros ligados aos comunistas, mas estão longe de serem os únicos grupos de resistência armada com os Judeus.

Quanto aos resistentes espanhóis, foram os mais numerosos a encontrar-se por vezes maioritários ou mesmo a única nacionalidade em certos matos (maquis). Encontramo-los nos matos (maquis) compostos por combatentes aguerridos da guerra de Espanha e que tiveram um papel importante, aquando dos combates de 1944, em particular para a libertação de certas cidades do Sul da França. Em Junho de 1944, havia 4.000 espanhóis nas diversas unidades dos matos (maquis), nos departamentos na zona Sul. É também o caso dos Espanhóis alistados no exército francês que compunham a quase totalidade da 9ª Companhia (la Nueve) da 2ª DB de Leclerc e que foram os primeiros a entrar em Paris nos seus blindados, marcados com os nomes dos combates em Espanha durante a guerra civil.

Assinalemos o caso particular de uma parte dos militares do exército polaco que tinham conseguido chegar a França depois da rápida vitória hitleriana na Polónia em 1939 e, com o apoio do exército francês, reconstruíram uma força armada, antes de Maio de 1940. Na França ocupada, formaram grupos armados e também grupos de informações para os serviços anglo-americanos. Estavam ligados ao governo Polaco no exílio. De assinalar o papel nas redes de informação (F2) que foi importante para a preparação do desembarque de Junho de 1944.

Os grupos de italianos antifascistas e de Alemães anti nazis tiveram um papel específico pela sua capacidade de “penetração” nos dispositivos dos exércitos de ocupação alemã e italiana.

Havia um número importante de estrangeiros (imigrados e exilados) nos grupos de resistência armada em França, em particular, nas FTP-MOI. Estes grupos de resistentes, ligados à resistência comunista, tinham nascido das estruturas sindicais reagrupadas por “grupos de língua” no seio da CGT, antes da guerra. Os grupos FTP-MOI foram importantes nas ações de “guerrilha urbana” em Paris, Toulon, Lyon, Grenoble, Marselha. Aí se encontravam as mais diversas nacionalidades (Espanhóis, Italianos, Polacos, mais também, Húngaros, Romenos, Austríacos, Checos, Búlgaros e mesmo Russos e Alemães). Os membros das FTP-MOI estavam por vezes reagrupados por origens, mas também com misturas de várias nacionalidades. Era o caso do “grupo Manouchian”, tristemente célebre com a difusão do “Cartaz vermelho”.



HOMENS DO GRUPO FTP-MOI DA COMPANHIA MARAT EM EMBOSCADA NAS CERCANIAS DE MARSELHA NO VERÃO DE 1944. FOTO JULIA PIROTTE, COL MUSEU DA FOTOGRAFIA DA COMUNIDADE FRANCESA EM CHARLEROI

As etapas de um reconhecimento do papel dos estrangeiros na Resistência em França

A importância da participação dos estrangeiros na Resistência foi reconhecida aquando da Libertação, mas rapidamente foi minimizada e depois praticamente esquecida em benefício de uma narrativa centrada na resistência dos Franceses. Nesta escolha política, encontravam-se duas grandes componentes da Resistência, os gaulistas e os comunistas, empenhados em reconstruir a comunidade nacional francesa ao sair das angústias da ocupação e sobretudo dos dramas, das feridas, dos compromissos e da vergonha pela colaboração do Estado Petanista com o 3º Reich nazi. Por outro lado, um certo número de estrangeiros e de imigrados, que tinham resistido ao lado dos

Franceses, procuravam não insistir sobre as suas origens, por razões complexas, como certos republicanos espanhóis, porque mantiveram durante muito tempo a esperança na queda de Franco ou em razão de uma escolha na inserção no seio da sociedade francesa.

Todavia, a partir dos anos sessenta, outras versões, começam a dar conta da complexidade dos alistamentos na Resistência, através de investigações históricas e a publicação de memórias. É neste contexto que o papel dos estrangeiros na Resistência pode ser progressivamente reconhecido. Mas foi sobretudo a partir dos anos 1980 que o seu papel saiu do esquecimento. Nos anos 1990, várias investigações históricas, propagadas para o grande público por emissões de televisão, filmes e exposições.

O colóquio que teve lugar no Senado, a 18 de Fevereiro de 2023, sobre o lugar dos estrangeiros na Resistência, tinha como objetivo a entrada de Missak Manouchian no Panteão, figura emblemática da Resistência. A homenagem que lhe será, prestada com a sua Panteonização no dia 21 de Fevereiro de 2024, por ocasião do 80º aniversário da execução do “grupo Manouchian”. Para lá do seu caso pessoal, esta manifestação é destinada a alargar-se através dele e dos seus companheiros do “Cartaz vermelho” a todos os estrangeiros que lutaram na Resistência em França pela Liberdade e pela Democracia.

Marie-Christine Volovitch-Tavares

LIBERTAÇÃO DE BORDEUS. DESFILE NO ESTÁDIO MUNICIPAL A BANDEIRA DOS REPUBLICANOS ESPANHÓIS E A BANDEIRA FRANCESA. VER AO ALTO E À ESQUERDA A FOTO DO GENERAL LECLERC. COL. AREEG



Os Portugueses na Resistência

Formação e composição da comunidade portuguesa

Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, o número de imigrantes portugueses pouco ultrapassava o milhar de indivíduos. Os fluxos aumentam durante a guerra, quando a França e Portugal assinam, a 26 de Outubro de 1916, um acordo de mão-de-obra destinado a fornecer trabalhadores para as fábricas de guerra francesas. Depois da Grande Guerra, alguns destes trabalhadores, que tinham chegado com um contrato de trabalho por seis meses, permanecem em França ou ali regressam nos anos seguintes. Em 1931, cerca de cinquenta mil portugueses residem em França. A comunidade é composta por antigos combatentes do Corpo Expedicionário Português, desmobilizados em França ou que integram posteriormente a vaga de imigrantes que afluem a França, atraídos pela necessidade francesa de mão-de-obra para a reconstrução e para relançar a economia nacional. Com a crise económica dos anos 30 e as medidas tomadas pelo Estado francês para reduzir a presença estrangeira em França, o número de portugueses sofre uma quebra, rondando os vinte e nove mil no recenseamento de 1936, aos quais é necessário acrescentar a massa de trabalhadores ilegais que permanecem em França após a expulsão e os que entretanto foram chegando clandestinamente.

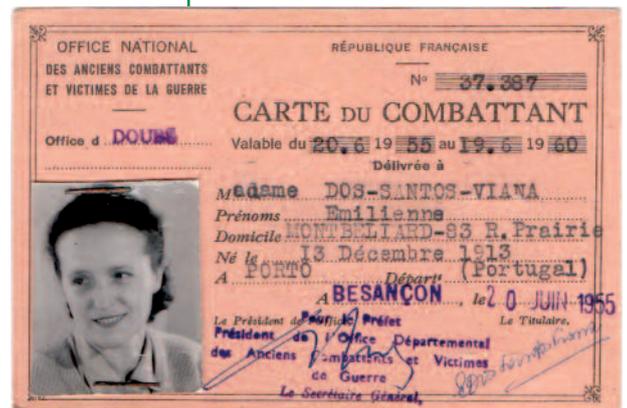
A partir de 1926, opositores à ditadura militar (1926-1933) e depois ao Estado Novo (1933-1974) refugiam-se em França, que se torna uma terra de acolhimento do exílio lusitano. Apesar do número de exilados não ser importante (cerca de duzentos no seu auge, em 1928), a importância do grupo reside no facto de se tratar da elite governamental e intelectual da 1ª República, forçada ao exílio depois do golpe militar de 1926. Entre os exilados figuram individualidades políticas, tais como Bernardino Machado, presidente da República, Afonso Costa, líder emblemático do republicanismo português, antigos ministros e deputados, altos quadros da Administração Pública... assim como intelectuais, em particular três directores de Seara Nova (Raul Proença, Jaime Cortesão e António Sérgio), revista que abria as suas páginas à crítica da governação republicana e à reflexão política.

Para além dos republicanos, outras correntes políticas estão presentes no exílio francês. Os anarco-sindicalistas instalaram-se principalmente no norte da região parisiense e nos arredores de Marselha (Estaque-Riaux, Canet, Cassis, St Auban, Sisteron) e, ainda que a sua história seja largamente desconhecida, é deles que provem o essencial da ajuda humanitária enviada pela imigração portuguesa para a Espanha republicana, em 1937-1938. A partir de 1935, chegam a França alguns militantes comunistas afim de secundar o trabalho político desenvolvido pelo PCF e CGT no seio da imigração económica por intermédio da Mão-de-Obra Imigrada (MOI) e dos Comitês de desempregados. Este esforço leva à fundação, em 1937, da Federação dos Emigrados Portugueses em França (FEPF).

Cristina Clímaco, é mestre de conferências, na Universidade de Paris- 8, Vincennes St Denis, investigadora no laboratório de estudos romanos da Universidade de Paris 8 – Vincennes St Denis, investigadora associada do CEIS20 Universidade de Coimbra e à IHC/FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Os seus trabalhos incidem sobre o exílio de entre guerras e a história da oposição à ditadura militar e ao Estado Novo. Interessa-se também à história da guerra Peninsular, em particular à invasão de 1810-1811. Recebe, em 1999, o 1º prémio de História Contemporânea, da Fundação Mário Soares.

Entre as suas publicações, destacam-se, Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio, 1927-1936, Lisboa Colibri, 2017 As Linhas de Torres Vedras, Invasão e Resistência (1810-1811), Lisboa Colibri, 2010.



CARTA DE COMBATENTE DE EMIILIENNE DOS SANTOS VIANA, EMITIDA PELA ONAC-VG. DR

REFUGIADOS NO CAMPO DE ARGELÈS-SUR-MER. DR





LEGIÃO ESTRANGEIRA 1939-1940. 11-AR-767. DR

em particular anarco-sindicalistas que tinham participado na greve geral revolucionária de 18 de Janeiro de 1934. Tal como os refugiados espanhóis, os portugueses são internados nos campos construídos apressadamente nas praias do Languedoc-Roussillon para acolher esta massa de homens e de mulheres, de todas as idades, chegados da Espanha republicana. Nos campos de Argelès-sur-Mer e Saint-Cyprien, a administração francesa autoriza, a pedido do comando das Brigadas Internacionais, o reagrupamento dos *brigadistas* num quartelão internacional, no qual verte de força todos os estrangeiros oriundos de Espanha, entre os quais os refugiados portugueses, apesar de poucos terem pertencido às Brigadas internacionais. É no seguimento deste internamento forçado no sub-campo internacional que os caminhos até então paralelos, de portugueses e espanhóis, se separam: dos membros da família espanhola no caso de casais mistos, dos companheiros de armas (a maior parte tido combatido em unidades regulares do exército popular), de vizinhos e de amigos espanhóis. Mais tarde, o conjunto dos estrangeiros refugiados de Espanha é reagrupado no campo de Gurs, nos Pirinéus-Atlânticos, pela administração francesa. Os registos do campo, aquando da sua abertura, em Abril de 1939, contabilizam mais de três centenas de portugueses, que ali continuam internados aquando do início da guerra, a dia 1 de Setembro de 1939.

A entrada na guerra em 1939-1940

Quando se perfila a iminência de um novo conflito mundial, a imigração portuguesa reafirma a sua ligação à França. Logo em Setembro de 1938, a secção de Bordéus da FEFP anunciara que se colocava à disposição das autoridades francesas, e, nas vésperas da entrada em guerra, é a estrutura central da organização, que em nome da comunidade, se declara pronta a defender o “país que sempre nos acordou a sua grande hospitalidade”.

A partir de Setembro de 1939, os portugueses alistam-se nas formações destinadas a acolher os estrangeiros: a Legião Estrangeira (LE) e os Regimentos de Marcha de Voluntários Estrangeiros

(RMVE), estes criados no âmbito dos decretos de 12 de Abril e 27 de Maio de 1939, relativos às obrigações militares de apátridas e de estrangeiros beneficiários do direito de asilo. Por sua vez, os jovens franceses de origem portuguesa são chamados para o serviço militar e incorporados em unidades do exército regular. Desconhece-se o número de soldados voluntários portugueses; um documento da Administração Militar, datado de Fevereiro de 1940, dá conta de 410 portugueses



ALISTAMENTO DE VOLUNTÁRIOS, 1939 RUE DE LISBONNE. 11-AR-764 DR

alistados nos RMVE e 51 na Legião Estrangeira. Um outro documento, elaborado já no pós-guerra, no qual são listados os combatentes estrangeiros de 1939-1940 (com lacunas e duplicações), dá conta de 904 soldados portugueses, dos quais cerca de 70 se alistaram no centro de recrutamento Pau, do qual dependia o campo de Gurs.

Em Maio-Junho de 1940, o exército francês é derrotado e os Alemães ocupam a França. Os combates são violentos e provocam um número elevado de baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros de guerra. O 22º RMVE, que comportava nas suas fileiras muitos portugueses, foi completamente destruído em Marchélepot (Somme). Pelo menos 30 soldados portugueses morreram no decurso da invasão alemã e mais de 300 foram aprisionados e enviados para os stalags do III Reich, campos de prisioneiros destinados a soldados e sub-oficiais. Para um certo número de voluntários portugueses, os combates cessam, pela força das circunstâncias, em Junho de 1940; é o caso de António Araújo, imigrante em Bordéus e soldado do 12º Regimento Estrangeiro de Infantaria que, gravemente ferido durante uma acção de reconhecimento das posições inimigas, é amputado do braço esquerdo, e condecorado posteriormente com a Legião de Honra. Para outros, o combate prossegue em Londres, a partir do Verão de 1940, no seio das Forças Francesas Livres (FFL) e depois nas diversas organizações e movimentos da resistência.

Os portugueses face ao ocupante alemão: os primeiros engajamentos

A derrota da França e a ocupação do país pelo exército alemão, levam às primeiras formas de resistência, e os Portugueses, à semelhança de outros estrangeiros imigrados em França, tomam parte na luta contra o ocupante. Confrontados a um período de incertezas e a acontecimentos fora do comum, os imigrantes portugueses adoptam estratégias para sobreviver ao caos da guerra e à discriminação exercida pelo ocupante nazi, sendo por isso confrontados a escolhas: voluntárias ou impostas pelas circunstâncias, refletidas ou tomadas em plena acção. Assim, o envolvimento dos portugueses na Resistência em França reveste formas múltiplas, determinadas pela personalidade do indivíduo, percurso pessoal, local de residência, meio social, redes de sociabilidade, relações profissionais, interação com as comunidades locais, assim como pelo acaso ao sabor de encontros, o grau de consciência política ou simplesmente a vontade de combater o inimigo (em particular no caso dos antigos combatentes do CEP). Todavia, nem todos os Portugueses foram resistentes activos, alguns opõem uma resistência passiva ao ocupante alemão, outros manifestam atitudes anti-alemãs ou proferem palavras hostis à ocupação alemã, outros ainda enveredam pela colaboração com os alemães, levados a isso pelas circunstâncias ou optando por essa via em plena consciência.

A participação dos Portugueses na Resistência é diversa. Contrariamente aos Republicanos espanhóis e a outros estrangeiros, os Portugueses não constituem grupos de resistência específicos, integrando os existentes localmente, em função das redes de sociabilidade e/ou profissionais. Se a participação se estende praticamente a todos os departamentos, é contudo nas regiões pioneiras da instalação da comunidade no pós I Guerra mundial que a sua acção assume maior relevância, em particular, no seio da segunda geração ou dos jovens chegados a França durante a infância.

O envolvimento dos portugueses na Resistência é precoce. As primeiras acções ocorrem imediatamente após a ocupação alemã. Em Calais, onde depois da operação Dínamo várias famílias recolhem e escondem aviadores britânicos e prisioneiros franceses evadidos, que é necessário evacuar rapidamente para a Grã-Bretanha. É no âmbito da solidariedade e apoio a essas famílias que nascem as primeiras redes de evasão e que se destaca a acção da família Pinho. O pai, Leonel, antigo



JOSÉ NUNES MATEUS. DR

combatente do CEP, industrial e fabricante de sacos de papel, que se instalara em Calais depois da I Guerra, é um dos fundadores da fileira de evasão Jean-de-Vienne, pertencente à rede Alibi. Na mesma rede colaboram a esposa, Jeanne, e o filho Leonel, nascido em 1919, em Calais, estudante na escola comercial. Rede de entre-ajuda, fornece num primeiro momento víveres, documentos falsos e salvo-condutos, sendo depois montada uma rede de evacuação, na qual Leonel Pinho assegura a passagem do rio Somme a aviadores e prisioneiros de guerra evadidos, que depois são encaminhados para a fronteira dos Pirinéus, e em seguida para a Espanha e Portugal, de onde passam para Grã-Bretanha. Denunciados, os dois Pinho, pai e filho, assim como outros membros da rede são presos em Agosto de 1941 e, após julgamento por um tribunal militar alemão, que os condena a penas de trabalho forçado, são deportados para as prisões do Reich.

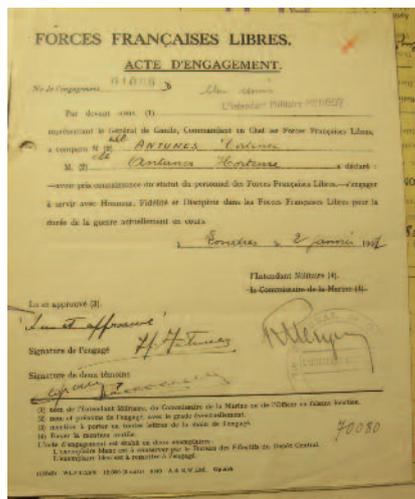
Nestes primeiros tempos, a Resistência expressa-se sobretudo através de reacções e actos espontâneos, cuja dimensão é antes de mais simbólica, fazendo sentir ao ocupante a hostilidade da população. O jovem Fernando Fernandes, natural de Fonte Nova da Telha, residente em Tilloloy (Somme), partilha a antipatia dos habitantes da pequena cidade relativamente às tropas alemãs. Num gesto audacioso, em Agosto de 1940, coloca na estrada principal um cabo de ferro, que provoca a queda de uma motocicleta conduzida por um oficial alemão. O acto foi severamente reprimido. Julgado pelo tribunal militar alemão, Fernando Fernandes é condenado a 10 anos de trabalhos forçados na Alemanha, pena à qual não sobreviverá.

Os primeiros alistamentos nas Forças Francesas Livres (FFL) ocorrem em Londres, no seio das tropas evacuadas da Noruega após a batalha de Narvik, em Junho de 1940. É aqui que os portugueses da 13ª DBLE se juntam à França livre e ao general de Gaulle, contudo é sobretudo após a campanha da Síria, no Verão de 1941, que o alistamento português nas FFL assume maior volume. Trata-se de legionários cujos regimentos tinham permanecido fiéis ao Governo de Vichy, e que contavam com a presença de antigos combatentes portugueses da Espanha republicana. Outros soldados portugueses vêm da diáspora; é o caso de Manuel Fernandes, natural do Algarve e emigrante na Argentina, que atravessa o Atlântico para se alistar em Brazzaville ou ainda de alguns naturais das colónias de África, em particular da Guiné: João Correia, Pedro Gomes e Driss Dominique, que se alistam no regimento de Pool. As mulheres não permaneceram em margem deste movimento, e entre os soldados da França Livre, encontra-se Hortense Antunes, uma das primeiras mulheres a alistar-se no Corpo Voluntário Feminino, logo a 2 de Janeiro de 1941, pouco depois da sua criação em Londres, a 7 de Novembro de 1940. Em Outubro de 1943, Hortense Antunes parte para Alger, seguindo depois com a sua unidade para Itália, participando em seguida nas campanhas de França e Alemanha. Após o final da guerra, em 1945, prossegue uma carreira militar na Indochina. Os soldados portugueses participam em todas as frentes de combates e batalhas levadas a cabo pelo exército da França Livre, da Síria, em 1941, à Alemanha em 1945, passando pelo Tonkin, tendo-se destacado na batalha de Bir-Hakeim, em Junho de 1942.

O ano de 1940 corresponde às primeiras deportações de Portugueses para os campos de concentração alemães. Em Agosto de 1940, João Ferreira Fernandes, José Nunes Mateus e José Ribeiro de Sousa, antigos imigrados em Espanha e refugiados da guerra civil, encontram-se internados no campo de Les Alliers, em Angoulême, integrando o primeiro transporte de deportados, que saiu da França ocupada para os campos de concentração alemães, conhecido pelo “comboio dos 927”. Os 3 portugueses falecem em Gusen, campo satélite de Mauthausen, em 1941, local de morte de tantos outros “vermelhos” espanhóis, como eram designados pelos alemães os combatentes do exército republicano. A nacionalidade dos 3 deportados foi restabelecida apenas em 2017, tendo os seus nomes figurado durante décadas na diversa documentação como cidadãos espanhóis, ainda que à entrada no campo de Mauthausen tenham sido inscritos nos registos do campo como portugueses.



HORTENSE ANTUNES. DR



A resistência organizada 1942-1944

A partir de 1941-1942, a resistência começa a estar melhor organizada, com a emergência de redes e movimentos para enquadrar a luta contra o ocupante. Os portugueses, à semelhança de outros estrangeiros, serão bastante activos. Estes movimentos de resistência organizam-se no seio de movimentos políticos e dos sindicatos, mas igualmente fora deles, animados por um sentimento patriótico, ou simplesmente em defesa dos valores republicanos. Os resistentes portugueses integram os movimentos comunistas, como os FTPF e Front National, organizações onde são mais numerosos, mas também os movimentos gaulistas como a Organisation Civile et Militaire (OCM), Ceux de la Résistance, ou militares, nomeadamente a Armée Secrète (AS), a Organisation de Résistance de l'Armée (ORA), ou ainda de tendência socialista, como Libération Sud. A escolha do movimento de resistência faz-se à escala local, em função das diferentes redes de sociabilidade e profissionais onde estão integrados, colaborando por vezes simultaneamente em diversas redes e movimentos.

Relativamente às redes, os Portugueses são mais activos nas redes Buckmaster (Jean-Marie, Alphonse, Ange) ligados aos serviços secretos britânicos (Special Operations Executive), e nas redes dos serviços secretos franceses (BCRA), nomeadamente Alliance e Goelette, assim como nos serviços de informações da França Livre, em particular nas redes Hector, Brutus, Action D, Navarre, Résistance Fer, ou ainda nos sectores de evasão, como Alibi, SR Air, ou Base Espanha, que ajudam no atravessamento da fronteira espanhola a pilotos ingleses, resistentes, candidatos ao alistamento nas FFL... As ramificações do grupo "Cloche des Halles" (rede Brutus), fundado por um judeu de Constantinopla, sob cobertura de um grupo desportivo, passam certamente por Portugal, pois em Março de 1944, Alberto Fresco, um judeu nascido em Lisboa e estabelecido em França desde 1929, pede um passaporte para Portugal, colocando ao serviço da rede as suas competências linguísticas e o conhecimento do país. Apesar da dimensão do envolvimento, as acções desenvolvidas no seio das redes continuam envoltas em segredo, em razão da sua natureza clandestina, e da inconveniência da sua revelação no final da guerra quando os autores são exilados políticos. Américo Sanches, capitão aviador do exército português, opositor antifascista, no exílio desde 1931, é condenado à morte em Maio de 1942 pelo Tribunal militar alemão do departamento do Seine por "ajuda ao inimigo", ou seja, por espionagem, sem que se conheça a rede para a qual trabalhava. A pena é comutada em dez anos de trabalhos forçados na Alemanha; deportado, passa por diversas prisões do Reich. No Norte de África, outros exilados políticos trabalham também para os serviços secretos, nomeadamente para os americanos, como é o caso do tenente Oliveira Pio e de José Maria Ferreira, refugiados na parte francesa de Marrocos desde fins de 1939. Em 1942, percorrem de carro, a costa marroquina, entre Agadir e Nador, para fotografar e desenhar croquis dos pontos estratégicos; este material servirá para a preparação da operação Torch, o desembarque aliado na África do Norte, em Novembro de 1942.

Paralelamente, os Portugueses integram as redes espanholas que se constituem autonomamente dos grupos franceses, e que decorre do passado comum em Espanha, onde residia uma imigração portuguesa integrada e enraizada, assim como de percursos partilhados durante a guerra de Espanha e o êxodo em França. Alberto Alexandrino dos Santos é quem melhor incarna a figura do "resistente ibérico": oficial do exército português, opositor desde 1927, quadro activo da resistência portuguesa e dos grupos armados clandestinos, exilado em Espanha, colabora na defesa da República desde os primeiros dias da guerra civil e integra o exército republicano, dentro do qual ascende à patente de



JOSÉ MARIA FERREIRA. DR

GUERRILHEIROS DETIDOS 11-AR-780 DR



tenente-coronel. Refugia-se em França no final da guerra civil, sendo afectado à guarda do presidente Azaña. Depois da ocupação alemã, mantém-se activo nos meios comunistas da resistência espanhola, e acaba por integrar o Estado Maior do tenente-coronel Nil, comandante da *Armée Secrète* no Tarn-et-Garonne, assegurando nomeadamente a ligação com os grupos de guerreiros espanhóis, instalados nos departamentos dos Altos Pirinéus e de Ariège. Em Agosto de 1944, participa na libertação de Montauban, assumindo o comando do assalto da caserna Pomponne.

Todavia, a maioria dos resistentes portugueses faz parte da massa de anónimos, de elementos de segunda ou de terceira linha, que executam funções de base: agentes de ligação, abastecimento dos maquis, operações de recuperação de armas e do material lançado pelo aliados por via aérea, servindo de “caixa de correio”, distribuição de panfletos ... Acções de reduzida importância quando vistas pelo topo, mas indispensáveis ao funcionamento da Resistência e à sua própria existência, e que fecham os seus autores num espaço memorial colectivo, no seio do qual dificilmente conseguem individualizar-se ou ganhar protagonismo. Quando se dá o desembarque aliado na Normandia, a 6 de Junho de 1944, os portugueses são numerosos a “subir para o maquis”, isto é, a entrar nos grupos armados para participarem na libertação das aldeias ou das cidades de residência. Em Paris, onde moram numerosos portugueses, estes tomam parte na insurreição da capital, quer integrados nos movimentos a que pertenciam, quer de modo espontâneo, aderindo no momento às organizações que os acolhem e enquadram. A 24 de Agosto de 1944, os primeiros soldados de exército da França livre pertencem à “la Nueve”, a 9ª companhia da 2ª divisão blindada, composta por numerosos republicanos espanhóis, e no seio da qual também se encontram portugueses. Alguns destes, soldados das FFI ou do exército francês, encontram a morte, por vezes horas ou dias depois de terem pegado em armas. Outros prolongaram o engajamento e alistam-se no exército francês, combatendo até à vitória final dos Aliados, a 8 de Maio de 1945.

Entre Junho de 1940 e a Libertação da França, em 1944, calcula-se que mais de 500 Portugueses e de origem portuguesa, tenham participado na Resistência, metade dos quais no período da Primavera-Verão de 1944, correspondente aos combates de libertação. Mais de 50 soldados das FFI e depois do exército francês, morreram entre Junho de 1940 e o fim da guerra, em Maio de 1945; outros faleceram durante os combates da Libertação, com armas na mão. Outros ainda foram vítimas

da repressão exercida pelas polícias alemã e francesa, falecendo no decorrer de torturas, de massacres, de fuzilamentos ... por causa pela acção na Resistência. Os estrangeiros participaram activamente na defesa da França e dos valores democráticos, mas o reconhecimento do seu papel por parte do Estado francês é decepcionante, e apesar da dimensão do seu sacrifício, tanto mais que, como declara Leonel Pinho (pai), depois do regresso de deportação, mortificado pela recusa de uma pensão militar: “Foi ao serviço da França que ganhei estas feridas”. Apesar da gratidão reservada expressa pelo Estado francês, no caso dos portugueses, a participação na Resistência proporciona-lhes uma via para a integração na sociedade francesa, tanto mais que não existe depois da guerra um movimento de retorno a Portugal. Um “outro” tornado “nós” com quem se partilham histórias, cumplicidades ou mesmo rivalidades.

Cristina Clímaco

SEMILAGARTA TERUEL DA NUEVE (9ª COMPANHIA DA 2ª DIVISÃO BLINDADA DO GENERAL LECLERC)
FONTE LA NUEVE OU LES OUBLIÉS DE LA VICTOIRE.
ALBERTO MARQUADT



Os portugueses na Resistência: um campo a desbravar

Desde os anos 1980, a participação dos estrangeiros na Resistência foi objeto de um número crescente de estudos⁽¹⁾, ultrapassando assim os “mitos resistencialistas” difundidos depois da guerra, pelos gaulistas e pelos comunistas que privilegiavam as ações conduzidas pelos franceses e tendiam a ocultar as cometidas pelos estrangeiros ou pelos indivíduos provenientes do império colonial⁽²⁾. Esta atenção cristalizou-se particularmente à volta do “Cartaz vermelho” que visava deslegitimar a Resistência⁽³⁾ ou à volta do papel dos guerrilheiros espanhóis de la Nueve, os primeiros soldados a entrar em Paris, a 24 de Agosto de 1944⁽⁴⁾. Ainda que uma obra tenha aparecido em Portugal em 2019 sobre este assunto⁽⁵⁾, a participação de Portugueses no seio da Resistência permanece ainda um campo a desbravar. Numerosas fontes – em particular os fundos do Ministério do Interior francês e os diferentes arquivos departamentais – estão por explorar e é necessário inserir as trajetórias dos Resistentes Portugueses ou de origem portuguesa nos contextos sociais e políticos nos quais eles evoluíram. Além disso, um aviso fundamental deverá ser exposto. A participação de Portugueses na Resistência não é evidente. Com efeito, os cerca de 20.000 Portugueses que residem em França em 1940-1944 foram fortemente marcados pela xenofobia que se desenvolveu no decurso dos anos 1930, xenofobia que incitou um grande número de entre eles, a não se imiscuir nas atividades políticas em França, seguindo assim as imposições das autoridades⁽⁶⁾. De resto, durante a Segunda Guerra mundial, Portugal é um país neutro e os cidadãos portugueses em França estão relativamente protegidos: não estão submetidos ao Revezamento ou ao Serviço do Trabalho Obri-

Victor Pereira é doutor em história contemporânea do Instituto de estudos políticos de Paris.

É professor auxiliar na Universidade de Pau et des Pays de l'Adour e atualmente investigador no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Os seus trabalhos incidem sobretudo sobre as migrações portuguesas, sobre as gestões pelo Estado das mobilidades e sobre a ditadura salazarista.

É autor de várias dezenas de artigos publicados em revistas científicas (*Journal of Modern European History*, *Annales de Démographie Historique*, *Lusotopie*, *Análise social*, etc.), em revistas especializadas (*Hommes et Migrations*, *Plein droit*, *Migrance*, etc.) e obras coletivas (*faire musée d'histoire commune*). Dirigido por Romain Bertrand e Patrick Boucheron em 2019; *A Century of Transnationalism: Immigrants and their Homeland Connections*, dirigido por Nancy Green e Roger Waldinger em 2016, etc.).

Dirigiu com Nuno Domingos a obra, *O Estado Novo em questão* (edições 70) e publicou nas Presses de sciences Po: *La dictature de Salazar face à l'émigration. L'état portugais et ses migrants en France (1957-1974)* tradução em português em 2014). Em 2023, as Éditions du Détour publicaram a sua obra: *C'est le peuple qui commande. La révolution des Œillets (1974-1976)*. Participou em vários programas de investigação e foi membro do comité científico da modificação da galeria permanente do museu nacional da história da imigração, Paris (2017-2018).



SEMILAGARTA GUADALAJARA DA “NUEVE” (9ª COMPANHIA DA 2ª DIVISÃO BLINDADA DO GENERAL LECLERC) DIANTE DA CÂMARA DE PARIS.
FONTE *LA NUEVE OU LES OUBLIÉS DE LA VICTOIRE*, ALBERTO MARQUADT

1. – Annette Wieviorka, *Ils étaient juifs, résistants, communistes*, Paris, Denoël, 1986; Stéphane Courtois, Denis Peschanski, Adam Rayski, *Le sang de l'étranger. Les immigrés de la MOI dans la Résistance*, Paris, Fayard, 1989; Denis Peschanski, *Des étrangers dans la Résistance*, Ivry-sur-Seine, L'Atelier, 2002.

2. – Henry Rousso, *Le syndrome de Vichy de 1944 à nos jours*, Paris, Seuil, 1987.

3. – Dimitri Manessis, Jean Vigreux, *Rino Della Negra. Footballeur et partisan*, Montreuil, Libertalia, 2022.

4. – Diego Gaspar Celaya, *La guerra continúa. Voluntarios españoles al servicio de la Francia libre (1940-1945)*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2015.

5. – José Manuel Barata-Feyo, *A sombra dos heróis. A história desconhecida dos resistentes portugueses que lutaram contra o nazismo*, Lisboa, Clube do autor, 2019.

6. – Gérard Noiriel, *Immigration, antisémitisme et racisme en France (XIX^e-XX^e siècle). Discours publics, humiliations privées*, Paris, Fayard, 2007.



CARTA DE TRABALHO OBRIGATORIA. COL AJPN

gatório, ainda que alguns tenham sido alistados ilegalmente. Muitos podem assim tentar sobreviver sem se implicar, argumentando que são cidadãos de um país neutro e que não têm que se imiscuir nos assuntos internos franceses, como, aliás, não cessavam de lhes repetir nos anos precedentes.

Os Portugueses que se encontram em França em 1940-1944 são, na sua maioria, os “sobreviventes” de três vagas de imigração. A primeira não é propriamente uma imigração. Tratou-se da vinda de 55.000 soldados no quadro da participação portuguesa na Primeira Guerra mundial ao lado da França e da Grã-Bretanha. Em 1917 e em 1918, os soldados portugueses combatem nas Flandres e, no fim do conflito, alguns soldados ficam na região (Pas-de-Calais, Somme, Nord). A segunda vaga integra-se igualmente no quadro da Grande Guerra. A França reclama trabalhadores a Portugal e uma convenção é assinada entre os dois países no dia 28 de Outubro de 1916. Cerca de 15.000 trabalhadores portugueses emigram para França entre 1916 e 1918, dispondo de contratos de seis meses que podem renovar. Enfim, entre 1919 e 1931, entram em França 75.000 portugueses para aí trabalharem. Como Portugal recusou assinar um acordo de emigração com a França, no fim das hostilidades, as entradas não são canalizadas pelos dois países, mas a França tolera largamente a vinda destes trabalhadores úteis à reconstrução do país. Aquando do recenseamento de 1931, perto de 50.000 Portugueses habitavam em França, na sua maioria homens. Se existem algumas concentrações (região parisiense, Pas-de-Calais, aglomeração de Rouen), é uma população dispersada através do território, em particular nas zonas rurais. Todavia, a crise económica presente, os estrangeiros tornam-se indesejáveis. Ainda que relativamente pouco numerosos em relação aos Italianos, aos Polacos ou aos Espanhóis, os Portugueses contam-se entre as principais vítimas das políticas de imigração restritivas. Milhares de Portugueses perdem os seus empregos, e, encontrando-se sem recursos, regressam ao país. Por delitos menores, milhares deles são expulsos depois de estarem presos. As autoridades recusam renovar as suas cartas de identidade, obrigando-os a abandonar o país (ou então a ficar em situação irregular em França). Os Portugueses que exerciam uma atividade política e/ou sindical, são alvo da vigilância policial, sendo por vezes expulsos, considerados como ameaças à ordem pública. Desde Setembro de 1939, dezenas de Portugueses – particularmente os que participaram na Federação dos Emigrados Portugueses em França, criada em 1937, por iniciativa dos militantes comunistas – são internados. Paralelamente a estas medidas de exclusão, as autoridades francesas vigiam as fronteiras e tentam impedir a chegada de Portugueses munidos de falsos documentos ou entrando em França clandestinamente. Esta medida reduz para cerca de metade o número de Portugueses que vivem em França em apenas alguns anos. Assim, a grande maioria dos Portugueses que vivem em França em 1940-1944, escaparam ao desemprego, à expulsão e à exclusão. A maior parte interiorizou a necessidade de se afastar da atividade política e sindical, apesar de viverem em França há mais de dez anos, e por vezes vinte anos, no caso dos que vieram no decurso da Primeira Guerra mundial. Esta inserção específica no seio da sociedade francesa tem várias implicações na sua participação ou não na Resistência. Uma parte dos que vivem nas zonas rurais há mais de dez anos, são (re)conhecidos: os Resistentes podem fazer-lhes confiança, elemento essencial numa atividade tão arriscada e perigosa como a Resistência. Fazer entrar uma pessoa num movimento ou numa rede comporta o enorme risco de indicar um traidor que denunciará os diferentes membros. Por isso, é necessário conhecer minuciosamente as ideias e a lealdade dos novos membros. A inclusão de estrangeiros implica, muitas vezes, uma inserção local relativamente sólida, um interconhecimento antigo forjado nas sociabilidades quotidianas no mundo do trabalho e/ou no meio associativo (como é o caso dos Portugueses inseridos nas associações de antigos combatentes). Deste modo, os que participam nas ações da Resistência souberam, em grande maioria, afastar as dúvidas relativas à inclusão de qualquer novo membro e, por maioria de razão, as dúvidas respeitantes às pessoas estrangeiras, por várias razões: estranhos à comunidade de interconhecimento local, estranhos à comunidade nacio-

nal. Esta curta contribuição, tenta salientar diferentes tipos de entrada na Resistência e diferentes perfis de Resistentes Portugueses ou de origem portuguesa. Mas antes disso, é necessário estimar quantitativamente este fenómeno.

Um peso global ainda incerto

O Serviço Histórico da Defesa oferece um primeiro indicador permitindo avaliar o número de Portugueses que participaram na Resistência: o ficheiro dos dossiers administrativos de resistentes que recenseiam os indivíduos que requereram um pedido de homologação no fim da guerra. Neste ficheiro, 348 pessoas nasceram em Portugal. Porém, é necessário utilizar estes números com precaução. Com efeito, este ficheiro não indica sempre o país de origem do requerente e os indivíduos nascidos em Portugal podem ser de outra nacionalidade (francesa por exemplo). Deste modo, entre as 348 pessoas, pelo menos uma trintena possuem um nome e um apelido francês. Além disso, todos os que fizeram um pedido não obtiveram a homologação por falta de elementos de provas ou falta de atividades reais. Enfim, no fim da guerra, por razões diversas, nem todos os que participaram na Resistência, fizeram o pedido de homologação. Alguns deles devem ter ignorado este procedimento e o seu interesse. Outros deviam ter considerado que não o iam obter, pelo facto da sua nacionalidade estrangeira e/ou por motivo do género. Foi o caso de várias mulheres, cuja participação na Resistência foi minorada depois da guerra, por depois da guerra, sendo as ações que desenvolviam consideradas “normais” (tratar da casa, distribuir mensagens, aproveitando a menor vigilância das forças de Vichy ou da ocupação). Esta minoração das ações desenvolvidas pelas mulheres prejudicou Maria Barbosa. Nascida em 1922 em Ponte de Lima (norte de Portugal), veio com a sua família para a região Lionesa com a idade de 7 anos⁽⁸⁾. Foi presa no dia 10 de Janeiro de 1944 em St Fons, num apartamento que servia de esconderijo a uma rede de resistentes comunistas. Ela vivia então com um membro desta rede, consciente dos riscos que incorria, fazendo o que Pierre-Emmanuel Dufayel descreve como “Resistência no lar”⁽⁹⁾. Torturada e presa, foi deportada para a Alemanha. Foi internada em Ravensbruck, Bergen-Belsen e Neuengamme. Sobrevive e é repatriada para França. Proveniente de um meio modesto, não apoiada pela sua família que desaprova o seu comprometimento, sem novidades do seu irmão, igualmente deportado por participação na Resistência, não apoiada pela sua rede, que provavelmente a reduz à condição de companheira de um militante, não podendo obter apoio de camaradas de deportação ou de outros resistentes de origem portuguesa. Maria Barbosa não pede a sua homologação como resistente. Como numerosos deportados, sentindo-se incompreendida, fecha-se sobre si mesma. Durante o resto da sua existência, ela raramente evoca a sua deportação, não procura testemunhar, afirmando que é uma experiência inexplicável que nenhuma reportagem, obra ou filme pode retratar. Como ela, outros Portugueses e Portuguesas – e entre eles muitos iletrados ou indivíduos dominando muito mal a escrita e por maioria de razão o francês – encontraram-se desprovidos face à administração e não tentaram fazer valer os seus direitos. O ficheiro do Serviço Histórico da Defesa comporta um outro limite. Com efeito, conduz a focalizar-se sobre o lugar de nascimento e oculta um tipo de Português: os filhos de pais portugueses nascidos em França. Certamente que a liberal lei sobre a nacionalidade de 1927 permite aos filhos nascidos em França de pais estrangeiros de tornar-se franceses à sua maioridade, quer dizer, aos 21 anos. Mas homens muito jovens, adolescentes por vezes, tomaram parte na Resistência. Foi o caso dos Portugueses nascidos em França (salvo se pediram para ser franceses a partir dos 16 anos ou se os pais obtiveram a naturalização). Tendo crescido em França, por vezes muito bem inseridos nas suas cidades ou aldeias, muitas vezes já



MARIA BARBOSA. FONTE V. PEREIRA, D.R.

8. – Estes elementos são extraídos de uma entrevista que tivemos com o seu marido François Vallon, a 10 de Março de 2014. Ver também Patrícia Carvalho, *Portugueses nos campos de concentração nazis. A histórias dos portugueses deportados para os campos da morte de Adolf Hitler*, Lisboa, Vogais, 2015.

9. – Pierre-Emmanuel Dufayel, *Un convoi de femmes, 1944-1945*, Paris, Vendémiaire, 2014, p. 23.



*Les motifs qui nous pouvaient furent
l'amour-propre et la fierté nationales.
Puisse ces sentiments subsister
demain, dans les combats pacifiques
de la reconstruction Française.*

Leclerc

“OS MOTIVOS QUE NOS ANIMAVAM,
FORAM O AMOR-PRÓPRIO E O ORGULHO NACIONAL.
POSSAM ESTES SENTIMENTOS SUBSISTIR AMANHÃ,
NOS COMBATES PACÍFICOS DA RECONSTRUÇÃO
DA FRANÇA.

COL AJPN

LECLERC”

escreve Francisco Oliveira Pio, oficial opositor à ditadura desde 1926, combatente do lado republicano durante a guerra civil espanhola e exilado em Marrocos em 1939 a Emídio Guerreiro, igualmente opositor à ditadura, tendo participado na Resistência na região de Montauban, participar “na luta de libertação do povo francês” é um “gesto, que no fundo, beneficia muito e dá prestígio à nossa causa”⁽¹¹⁾. Entre um punhado de opositores contra a ditadura, que participaram na Resistência, encontramos Alberto Alexandrino dos Santos⁽¹²⁾, nascido em 1891 no Porto, que envereda por uma carreira militar. Como outros jovens militares republicanos, ele defende com

comprometidos na vida ativa, acompanharam os seus camaradas na recusa a Vichy e/ou do ocupante alemão. Por exemplo, cinco jovens homens, todos nascidos em França, provavelmente de origem portuguesa, foram executados pelo exército alemão no mato (maquis) de Manises, a 13 de Junho de 1944: Louis da Silva, nascido em 1926, Bernardino Carvalho (1923), Camille Carvalho (1925), Joseph Pereira (1927), Alfonso Pereira (1925). Com menos de 21 anos, deveriam ser, na sua maioria, portugueses, no momento da execução. O número de 348 é por isso um mínimo e a exploração de diferentes arquivos permitirá uma melhor avaliação da participação dos Portugueses ou de pessoas de origem portuguesa.

Uma minoria politizada

Como os resistentes franceses e de outras nacionalidades, as trajetórias e as motivações destes resistentes portugueses ou de origem portuguesa, são diversas. A resistência inscreve-se, para alguns, no prolongamento de compromissos políticos precedentes. É o caso particular dos exilados portugueses que combateram a ditadura portuguesa desde os fins do ano 1920 e que, para alguns deles, tomaram parte na guerra de Espanha⁽¹⁰⁾. Para eles, participar na Resistência, inscreve-se na continuidade do seu combate contra a ditadura portuguesa. Lutar contra o nazismo, representa para eles, uma etapa necessária no seu compromisso contra Salazar. Como

10. – Cristina Clímaco, *Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio (1927-1936)*, Lisboa, Colibri, 2017.

11. – Comissão de homenagem ao Prof. Emídio Guerreiro, *Emídio Guerreiro. 100 Anos de história*, Lisboa, Biblioteca museu república e resistência, 1999, p. 65. Ver sobre Emídio Guerreiro, Luís Farinha, *Emídio Guerreiro: Sob o despotismo da liberdade*, Lisboa, Assembleia da República, 2021.

12. – Sobre o seu percurso, ver Robert Duró Fort, « Alberto Alexandrino dos Santos, un révolutionnaire ibérique pendant la guerre civile espagnole, 1936-1939 », *Exils et migrations ibériques aux XX^e et XXI^e siècles*, nº 11-12, 2020, p. 107-138.

entusiasmo a entrada de Portugal na Primeira Guerra mundial, onde vai combater, sendo ferido várias vezes. A partir de 1926 e a instauração da ditadura militar, ele faz parte do núcleo duro do Reviramento formado por aqueles que “da maneira mais intransigente se opuseram ao salazarismo”⁽¹³⁾ Em 1936 alista-se ativamente na guerra civil espanhola. Torna-se no Português mais altamente colocado no seio da hierarquia militar espanhola, formando os carabineiros espanhóis na base de Castellon de la Plana. Faz parte da retirada, mas graças aos seus con-



tactos com a elite da república espanhola, escapa ao internamento. Depois de várias viagens à Bélgica e à França, instala-se em Montauban onde, com um camarada de guerra espanhol, abre uma exploração agrícola. Sob Vichy, é particularmente vigiado pelas autoridades, derivado aos seus contactos com numerosos refugiados espanhóis. É internado no campo de Septfonds a 18 de Abril de 1942, ali permanecendo até 27 de Maio de 1942. Foi em seguida enviado para o campo de Vernet a 8 de Julho de 1942. Libertado a 7 de Agosto de 1942 com prováveis complicitades no seio da administração do campo, junta-se imediatamente, segundo o seu dossier de homologação, ao “Estado Maior Departamental, e depois regional A.S. (armada secreta) do Tenente-Coronel Nil (Noël Duplan)” que opera no Tarn-et-Garonne. No seu dossier, Dos Santos afirma ter sido “chefe técnico da guerrilha (sic)” oferecendo provavelmente a sua longa experiência adquirida na oposição clandestina em Portugal e durante a guerra de Espanha. No seu dossier, afirma ter dirigido “a tomada do quartel de Pomponne em Montauban, a 18 de Agosto de 1944”⁽¹⁴⁾, quartel que se rendeu sem combates. À libertação, Dos Santos instala-se em Toulouse, não tomando parte com o mesmo ardor nas conspirações contra o regime, continua a ser vigiado pela PIDE até aos anos 1960. No entanto, os casos de Alexandrino Alberto dos Santos e de Emídio Guerreiro não devem iludir-nos. Os principais dirigentes da oposição ao Estado Novo exilados em França nos anos 1930 fogem do exército alemão em Maio-Junho de 1940 e decidem entrar em Portugal. É o caso do antigo presidente da República, Bernardino Machado ou de Jaime Cortesão. Restam poucos exilados portugueses em França durante a ocupação.

O alistamento na Resistência inscreve-se por vezes na continuidade das mobilizações políticas dos anos 1930, em particular no quadro da Frente Popular. Alguns trabalhadores portugueses residentes na região parisiense alistam-se no seio do Partido Comunista Francês e/ou Português. Foi assim que, militantes comunistas, criam a Federação dos Emigrados Portugueses em França em 1937. Esta organização é dissolvida por portaria do Ministro do Interior, a 26 de Setembro de 1939, porque “aparece como filiada ao Partido Comunista ou conformando-se com a sua atividade e às palavras de ordem da Terceira Internacional Comunista”⁽¹⁵⁾. No seguimento do acordo germano-soviético de 23 de Agosto de 1939, o PCF e as organizações que lhe são próximas, são proibidas.

SEMILAGARTA TERUEL DA “NUEVE” (9ª COMPANHIA DA 2ª DIVISÃO BLINDADA DO GENERAL LECLERC).
FONTE *LA NUEVE OU LES OUBLIÉS DE LA VICTOIRE*, ALBERTO MARQUADT

13. – Luís Farinha, *O Reviramento. Revoltas republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo, 1926-1940*, Lisboa, Estampa, 1999, p. 278

14. – Dossier de homologação de Alexandrino Alberto dos Santos. Service Historique de la Défense, 16P 190261.

15. – *Journal officiel*, 24 de Outubro de 1939, p. 12614.



1ª GUERRA MUNDIAL, O CORPO EXPEDICIONÁRIO PORTUGUÊS EM DIREÇÃO À FRENTE NA FLANDRES. ARNALDO GARCEZ/LIGA DOS COMBATENTES.

Vários membros da FEFP são, ou expulsos, ou internados nos campos desde o início da guerra. Por isso, não podiam participar na Resistência e alguns acabam mesmo por morrer na deportação⁽¹⁶⁾. Entretanto, no decurso da guerra, antigos membros da FEFP, na peugada, muitas vezes da ação do PCF, participam na Resistência. Por exemplo, Manuel Freire, nascido em Águeda em 1900, entrou legalmente em França em 1922, soldador, membro do PCF e algum tempo tesoureiro da FEFP, foi preso no dia 27 de Junho de 1942 pela polícia francesa, por “atividade comunista” com a sua companheira, originária de Espanha. A sua prisão deriva da vigilância de uma militante comunista espanhola que tinha entregado uma encomenda no seu domicílio situado em Issy-les-Moulineaux. Aquando da busca no seu domicílio, a polícia apreendeu várias obras e panfletos ligados ao Partido Comunista francês e espanhol, bem com o “uma bandeira vermelha da FEFP, secção de Issy-les-Moulineaux”⁽¹⁷⁾. Tudo leva a crer que Manuel Freire era um dos principais animadores desta secção, uma das mais dinâmicas da FEFP que, em Março de 1937, organizou um encontro, reunindo 600 a 700 pessoas⁽¹⁸⁾. Freire foi detido na prisão de “la Santé”. Aquando da sua transferência para um campo de internamento, foi libertado por guerrilheiros (maquisards) FTP. Entretanto, voltou a ser preso pelo exército alemão no mato: depois de ter sido torturado, foi fuzilado em Saint Sauvant, na Vienne, a 27 de Junho de 1944⁽¹⁹⁾. Outros membros da FEFP parti-

16. – Fernando Rosas, Ansgar Schaefer, António Carvalho, Cláudia Ninhos, Cristina Clímaco, *Os Portugueses no sistema concentracionário do III Reich*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2022.

17. – Note de la Direction des étrangers et des affaires juives des Renseignements généraux, Archives de la Préfecture de Police de Paris, 77 W 1820.

18. – « O meeting d’Issy », *Boletim interno da Federação dos Emigrados Portugueses em França*, nº2, Abril 1937, p. 2-3.

19. – Dossier de Manuel Freire au SHD, 16 P 234467. Ver igualmente a informação em *Maitron des fusillés, guillotins, exécutés, massacrés (1910-1944)* redigido Daniel Grason : fusilles-40-44.maitron.fr/spip.php?article168642

cipam, a diferentes níveis, à Resistência: Emidio Guerreiro participa na Resistência na região de Montauban; João Martins Aires, é agente de ligação FTP, José Alfredo Marcos, conhecido nos “Renseignements Généraux” como “simpatizante comunista” desde 1934, foi alistado como voluntário no exército francês em Setembro de 1939 e toma parte nos combates da libertação de Saint Denis em 1944⁽²⁰⁾.

Uma fixação local

A participação às ações das diferentes redes da Resistência inscreve-se muitas vezes na inserção dos indivíduos nas sociabilidades locais, ao nível dos territórios de residência e/ou das empresas. O alistamento faz-se, o mais das vezes, pela via das relações antigas, nos núcleos de interconhecimento. A ação clandestina, violentamente reprimida pelas autoridades alemãs e por Vichy, subentende ter confiança nos seus camaradas. Por isso, encontramos Resistentes nascidos em Portugal – mas também filhos de pais portugueses nascidos em França – nas zonas antigas de instalação de Portugueses, em particular no Pas-de-Calais, onde se estabeleceram antigos soldados portugueses da Grande Guerra. Em Richebourg, localidade onde se encontra o cemitério do Corpo Expedicionário Português, o professor Lejome faz entrar João Cardoso, nascido em 1895, e o seu filho Edgar, nascido em 1922 em Richebourg, no seio do movimento Voix du Nord, em Outubro de 1943. As suas ações consistiram essencialmente em sabotagens: colocam crampons nas estradas a fim de furar os pneus dos veículos alemães, inspecionam as linhas telefónicas para as cortar. Em 14 de Julho de 1944, enquanto a região continua ocupada pelo exército alemão, Edgar Cardoso coloca uma “bandeira tricolor no monumento aos mortos em Richebourg”⁽²¹⁾ sugerindo a continuidade entre os dois conflitos mundiais, e em particular, a presença dos soldados portugueses nesta região em 1917-1918. Esta entrada familiar na Resistência encontra-se igualmente com Leonel Pinho, pai e filho, residentes em Calais. Pinho pai, nasceu em 1895 em Espinho e veio combater em França na Primeira Guerra mundial. O seu filho nasceu em Calais em 1919. Desde a entrada dos alemães em Calais, eles alojam soldados ingleses e juntam-se desde o início do verão de 1940 à rede de Jean de Vienne (rede alibi). A sua principal atividade é esconder soldados aliados e prisioneiros franceses, fornecer-lhes documentos falsos, para poderem deslocar-se para Inglaterra, via Península Ibérica. Foram presos em 13 de Agosto de 1941. O pai foi condenado a três anos de trabalhos forçados pelo Conselho de guerra de Arras e o filho a tem 7 anos. Foram encarcerados na Alemanha. O pai passa por dois campos e treze prisões e foi agredido diversas vezes pelos guardas, provocando em particular uma rutura muscular e a perda de todos os dentes. Ambos voltam para França em Maio de 1945⁽²²⁾.

A instalação dos Portugueses nas pequenas localidades rurais do Centro da França nos anos 1920 e 1930 favorizou a sua inserção nas redes de Resistência apoiando-se nas sociabilidades e nas relações de interconhecimento. A aldeia de Lacapelle-Biron, no Lot-et-Garonne, fronteiriço com a Dordogne, acolhe várias famílias portuguesas a partir dos anos 1920, alguns homens encontraram emprego nas minas de ferro. A região de Lacapelle-Biron conhece uma “intensa atividade resistente, em detrimento das autoridades de Vichy, que ali reina às vistas de todos, desde há meses”⁽²³⁾. Por prova, no dia 1 de Maio de 1944 cerca de sessenta guerrilheiros (maquisards) desfilam na aldeia de Lacapelle-Biron. A fim de retomar o controlo desta zona estratégica, as forças alemãs realizam

20. – Note des Renseignements Généraux, Novembro de 1949, Archives départementales de Seine-Saint-Denis, 60 W 9.

21. – Carta manuscrita de João Cardoso, SHD, 16 P 106349.

22. – Ver dossier no SHD, 16 P 175973.

23. – Jean-Pierre Koscielniak, « L'occupant et sa répression », in Pascal de Toffoli, Jean-Pierre Koscielniak, Philippe Souleau, *Été 1944. La libération du Lot-et-Garonne et de la Gironde rattachée*, Toulouse, Privat, 2015, p. 27-37, p. 37.



SEMILAGARTA BRUNETTE DA "NUEVE" (9ª COMPANHIA DA 2ª BRIGADA BLINDADA DO GENERAL LECLERC). FONTE *LA NUEVE OU LES OUBLIÉS DE LA VICTOIRE*, ALBERTO MARQUADT

várias rusgas no dia 21 de Maio de 1944 em várias aldeias. Na aldeia de Lacapelle-Biron, 400 soldados alemães desembarcam às 6 horas da manhã, batendo “a pontapé e coronhada nas portas para acordar as pessoas”⁽²⁴⁾; cerca de 50 homens foram levados de força, por supostamente terem ajudado os guerrilheiros. Entre eles três portugueses: André de Sousa, Joaquim Sequeira e Acácio Pereira, os dois primeiros nascidos em 1911 e o terceiro em 1913. O último, operário, pertencia ao mato (maquis) do grupo “Auzias” desde o dia 1 de Fevereiro de 1944⁽²⁵⁾. O seu patrão, Roger Souchal era membro das FFI, participando a um grupo que deveria recuperar objetos lançados por para quedas⁽²⁶⁾. Como a maior parte das outras vítimas das rusgas da aldeia, depois de um trânsito por Agen, os três Portugueses foram deportados para Dachau onde sofreram fome e castigos inflingidos pelos guardas⁽²⁷⁾. Os três, assim como outros 23 da mesma aldeia voltaram vivos, ainda que muito diminuídos⁽²⁸⁾.

Evidentemente, os Portugueses que se alistaram na Resistência constituíram uma minoria entre os seus compatriotas. A maioria dos Portugueses em França, cuja presença estava sem cessar posta em questão, tentou não dar nas vistas junto das autoridades de Vichy e/ou alemãs, de sobreviver no quotidiano, confrontada com as dificuldades inerentes à guerra e à Ocupação (reabastecimento, bombardeamentos, etc.). Por outro lado, alguns Portugueses puderam colaborar, mais ou menos ativamente, com o ocupante ou com as autoridades de Vichy. Depois da Libertação, vários Portugueses foram acusados por feitos de colaboração. Por exemplo, em 14 de Março de 1945, Luis Rodrigues, antigo soldado da Primeira Guerra mundial, tendo combatido em Angola e depois nas Flandres, instalado na Haute-Marne desde 1922, onde é lenhador, foi condenado a dez anos de prisão por atentar contra a segurança exterior do Estado, por ter mantido “relações com sujeitos ou agentes de uma potência inimiga” e “expor os Franceses a sofrer represálias”⁽²⁹⁾. É acusado de ter denunciado às autoridades alemãs o Presidente da Câmara e a professora da aldeia, apresentando-os como comunistas e anti-alemãs, assim como um Espanhol, revelando às forças de Ocupação que era um antigo combatente da guerra civil espanhola. O facto de dois dos seus filhos terem ido trabalhar voluntariamente para a Alemanha não incitou os jurados à clemência. Restam por isso muitas zonas de sombra a dissipar sobre os Portugueses ou os Franceses de origem portuguesa que combateram no exército das sombras.

Victor Pereira
(Instituto de História Contemporânea/Universidade Nova de Lisboa)

24. – Declarações do Presidente da Câmara de Lacapelle-Biron, Paul Lagarrique, Relatório de informação administrativa sobre as detenções, pilhagens e atrocidades cometidas na região de Lacapelle-Biron pelas tropas alemãs, Brigada da gendarmaria de Monflanquin, 9 outubro 1944, Arquivos departamentais de Lot-et-Garonne, 1 W 417.

25. – Ver o seu caso em SHD, 16 P 466027.

26. – Nota do Serviço de Registo dos Veteranos e Vítimas de Guerra Deportados ao Diretor Interdepartamental dos Veteranos e Vítimas de Guerra, Bordéus, 28 de novembro de 1953, Arquivos departamentais de Lot-et-Garonne, 1 W 567.

27. – Cf. Patrícia Carvalho, *Portugueses nos campos...*, op. cit., p. 108-124.

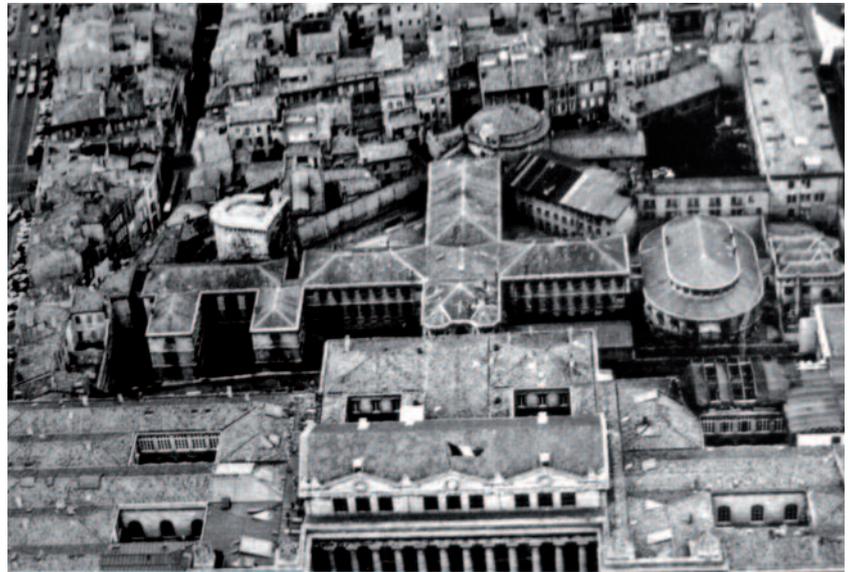
28. – Jean-Pierre Koscielniak, *Lacapelle-Biron 21 mai 1944. Histoire et mémoire d'une rafle de la division Das Reich*, Agen, Mémoire de la Résistance en Lot-et-Garonne, 2014.

29. – Caso Rodriguez, ata de 24 de novembro de 1944, Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, maço 193.

Lugares de resistência, de detenção ou de execução na Nova-Aquitânia

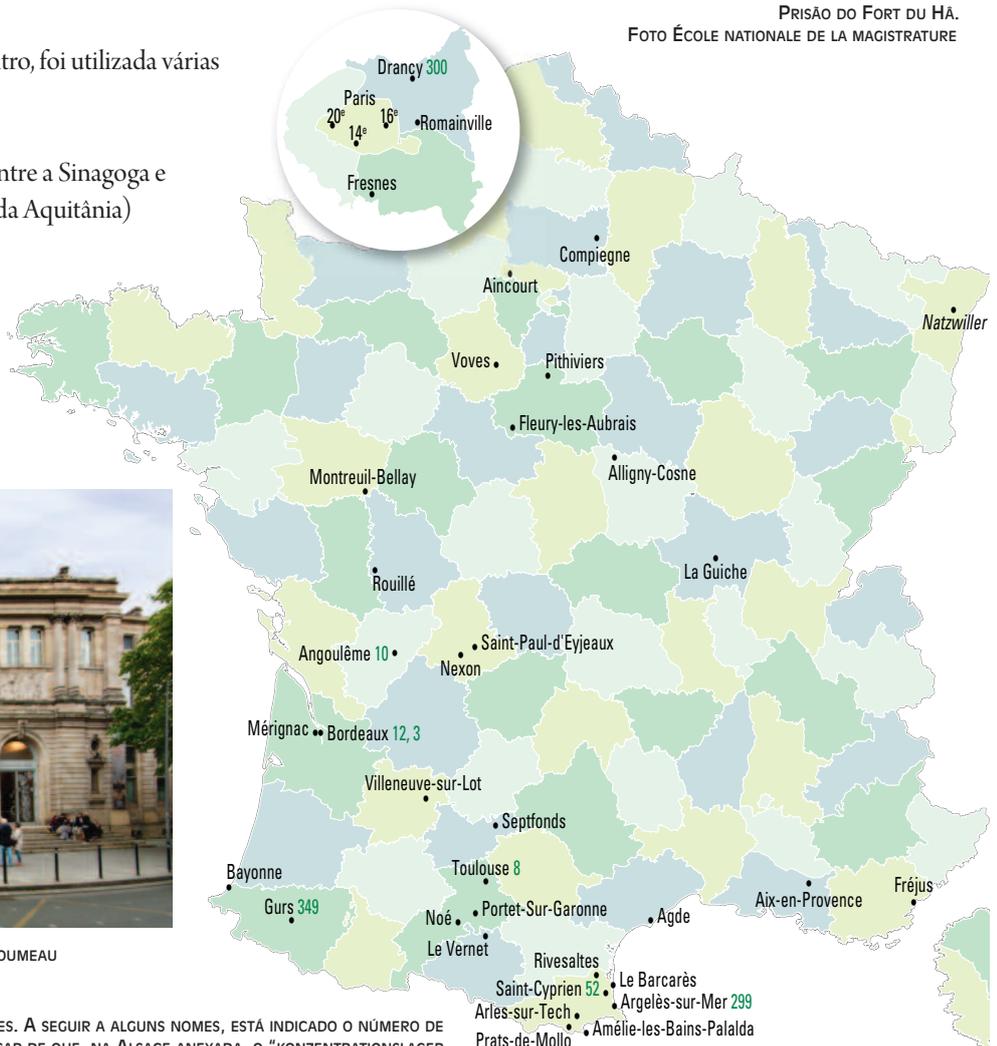
Campos franceses:

- Vernet d'Ariège (09).
- Aix-en-Provence (13), campo de Milles.
- Angoulême (16), Allié.
- Voves (28).
- Noé (31).
- Portet-sur-Garonne (31), Clairfont.
- Le Récébédou (31).
- Bordeaux (33) O" Forte du Hâ " foi um local importante da repressão alemã na Aquitânia. Requisitado logo após a sua chegada a Bordéus, os alemães ocupam uma parte do edifício onde procedem a interrogatórios sob tortura. No "quartirão alemão" são detidos numerosos resistentes, antes da sua transferência para Compiègne e a seguir a sua deportação para os campos de concentração nazis.
- Bordeaux (33), quartel Niel.
- Bordeaux (33), grande Sinagoga, em pleno centro, foi utilizada várias vezes como prisão e em lugar de reunião.
- Bordeaux (33), base submarina.
- Bordeaux (33), faculdade de Letras – situada entre a Sinagoga e o Fort du Hâ, grande edifício, (hoje Museu da Aquitânia) foi utilizado como prisão.
- Mérignac (33), Beaudésert – lugar de reunião e de concentração.
- Saint-Médard-en-Jalles (33), campo de Souge.
- Agde (34).
- Pithiviers (45).



PRISÃO DO FORT DU HÂ.

FOTO ÉCOLE NATIONALE DE LA MAGISTRATURE



FACULDADE DE LETRAS. HOJE MUSEU D'AQUITÂNIA. FOTO B. LHOUMEAU

MAPA DOS LUGARES DE INTERNAMENTO FRANCÊS DE PORTUGUESES. A SEGUIR A ALGUNS NOMES, ESTÁ INDICADO O NÚMERO DE PORTUGUESES QUE ALI ESTIVERAM INTERNADOS. APESAR DE QUE, NA ALSACE ANEXADA, O "KONZENTRATIONSLAGER NATZWEILER (NATZWILLER EM FRANCÊS) NO LOCAL DE STRUTHOF, ESTÁ PRESENTE. DES. B. LHOUMEAU – GRAPHI OGR



MEMORIAL DA BASE SUBMARINA DE BORDEÚS.
FOTO B. LHOUMEAU



PRISÃO D'EYSSSES. FOTO ASSOCIAÇÃO NACIONAL PARA A
MEMÓRIA D'EYSSSES



CAMPO D'ARGELÈS. FOTO APA, NO PASARAN, ALBUM SOUVENIR. HENRI-FRANÇOIS IMBERT

Fleury-les-Aubrais (45), campo da Verrerie, aux Aydes.

Villeneuve-sur-Lot (47), prisão d'Eysses – principal lugar de detenção de resistentes, várias revoltas tiveram como finalidade favorecer a evasão de detidos..

Montreuil-Bellay (49).

Alligny-Cosne (58).

Compiègne (60).

Bayonne (64), polo de Beyris.

Gurs (64), os detidos sucederam-se neste campo de concentração: Republicanos espanhóis, anti-nazis, Judeus, resistentes ...

Argelès-sur-Mer (66).

Saint-Cyprien (66).

Amélie-les-Bains (66).

Arles-sur-Tech (66).

Le Barcarès (66).

Prats-de-Mollo (66).

Rivesaltes (66).

La Guiche (71), sanatorium.

Paris 16° (75), estádio Roland-Garros.

Septfonds (82), campo de Judes.

Fréjus (83).

Rouillé (86).

Saint-Paul-d'Eyjeaux (87).

Nexon (87).

Drancy (93).

Aincourt (95).



O CAMPO DE GURS OCUPAVA 78 HECTARES E COMPORTAVA 382 BARRACAS DE MADEIRA, EM 13 ILHÉUS, PODENDO ACOLHER, CADA UM, 1.300 INDIVÍDUOS. DE ABRIL DE 1939 A DEZEMBRO DE 1945, 63.929 HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS DE MAIS DE 52 NACIONALIDADES PASSARAM POR GURS, ENTRE AS QUAIS PORTUGUESES. FOTO APA, NO PASARAN, ALBUM SOUVENIR. HENRI-FRANÇOIS IMBERT

Prisões francesas:

Toulouse, Saint-Michel (31)

Bordeaux, fort du Hâ (33)

Villeneuve-sur-Lot, Eysses (47)

Paris 20°, quartel das Tourelles (75)

Paris 14°, La Santé (75)

Romainville, forte (93)

Fresnes, (94)

Argélia francesa:

Djelfa

Berrouaghia

Cherchel

Campos nazis:

Natzwiller (Natzweiler), KL Struthof Alsace anexada (67)

Alemanha:

Bergen-Belsen (Basse-Saxe)

Buchenwald (Thuringe)

Dachau (Bavière)

Flossenbürg (Bavière)

Neuengamme (Hambourg)

Ravensbrück (Brandebourg)

Sachsenhausen (Brandebourg)

Austria:

Mauthausen (Alta-Austria)

Sobre os estrangeiros na resistência

Livros

Les fusillés (1940-1944). Dictionnaire biographique, Paris, Les Editions de l'Atelier, 2015

Sébastien Albertelli, *Elles ont suivi de Gaulle. Histoire du Corps des Volontaires françaises*, Paris, Perrin/Ministère des Armées, 2020

José Manuel Barata-Feyo, *A Sombra dos Heróis*, Lisboa, Clube do autor, 2019

Patricia Carvalho, *A Sombra dos Heróis*, Lisboa, Clube do autor, 2019

Cristina Clímaco, Marie-Christine Volovitch-Tavares, *Les Portugais et la guerre d'Espagne. Engagement militant, solidarités, mémoires*, n° thématique de *Exils et Migrations Ibériques aux XX^e et XXI^e siècles*, n° 11-12, 2020

Cristina Clímaco, *Republicanos anarquistas e comunistas no exílio 1927-1936*, Lisboa, Colibri, 2017

Cristina Clímaco, Cláudia Ninhos, Ansgar Shaefer, "Prisioneiros de guerra portugueses do Reich (1940-1945)", *Prisioneiros de Guerras, experiências de cativo no século XX*, Lisboa, Pedro Aires Oliveira (dir.), Tinta da China, 2019, pp. 163-182.

Manuel Dias Vaz, *75^e anniversaire de l'action d'Aristides de Sousa Mendes et 70^e anniversaire de la fin de la 2^e Guerre mondiale et de la libération des camps*, Bordeaux, Quatorze, 2016

Manuel Dias Vaz, *Le Portugal et les Portugais dans la guerre d'Espagne*, Bordeaux, quatorze, 2016

Manuel Dias Vaz, *Aristides de Sousa Mendes, Héros rebelle*, Bordeaux, Quatorze

Laurent Doudou, Tristan Lecoq, *Enseigner la Résistance*, Futuroscope, Canopé éditions, 2016

Geneviève Dreyfus-Armand, *Septfonds, 1939-1944, dans l'archipel des camps français*, Perpignan, Le Revenant éditeur, 2019

Geneviève Dreyfus-Armand, *L'exil des républicains espagnols en France : de la guerre civile à la mort de Franco*, Paris, Alban Michel, 1999

Robert Duro Furt, *Alberto Alexandrino dos Santos, un révolutionnaire ibérique pendant la guerre d'Espagne*, Exils et migrations ibériques, 2020

Robert Gilda, *Comment sont-ils devenus résistants ? Une nouvelle histoire de la Résistance*. Paris, Les Arènes, 2017

Marie-Laure Graf, Irène Hermann (dir.), *L'étoffe des héros ? L'engagement étranger dans la Résistance française*, Georg, 2021

Jean-Pierre Koscielnak, *L'occupant et sa répression – La libération du Lot-et-Garonne et de la Gironde*, Toulouse, Privat 2015

Robert Mencherine, *Étrangers antifascistes à Marseille 1940-1944*, Gaussen, 2014

Denis Peschanski, Adam Rayski, *Le sang des étrangers. Les immigrés de la MOI dans la Résistance*, Paris, Fayard, 1989

Denis Peschanski, *Des étrangers dans la Résistance*, Ivry-sur-Seine, L'Atelier, 2002

Adam Raysk, *Le sang de l'étranger, les immigrés de la MOI*, Paris, Fayard, 1989

Fernando Rosas (coord.), *Os Portugueses no sistema concentracionário do III Reich* (Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2021

Olivier Wieviorka, *Histoire de la Résistance*, Paris, Perrin, 2018

Annette Wieviorka, *Ils étaient juifs, résistants, communistes*, Paris, Denoël, 1986

Annette Wieviorka, *Anatomie de l'Affiche rouge*, Paris, Le Seuil, 2024

Annette Wieviorka, *Ils étaient résistants, communistes*, Paris, Denoël, 1986

Web

<https://forced.fcsh.unl.pt>

<https://portugueseinmates.fcsh.unl.pt>

Filmes/documentários

L'affiche rouge. 1976, 85 minutos, de Frank Cassenti, com Roger Ibanez, Pierre Clement e Anicée Alvi-
na.

La Nueve ou les oubliés de la victoire. 2010, 53 minutos, de Alberto Marquardt, Point du Jour.

Ni travail ni famille ni patrie journal d'une brigade FTP-MOI

1993, 90 minutos, realizado para a televisão, por Mosco.

La traque de l'affiche rouge. 2006, 72 minutos, de Jorge Amat e Denis Peschanski, CPB Filmes.

Mémoire de résistance : FTP-MOI. 1992, 54 minutos, de Rolande Treppe e Raphael Requena, Canal

utv.

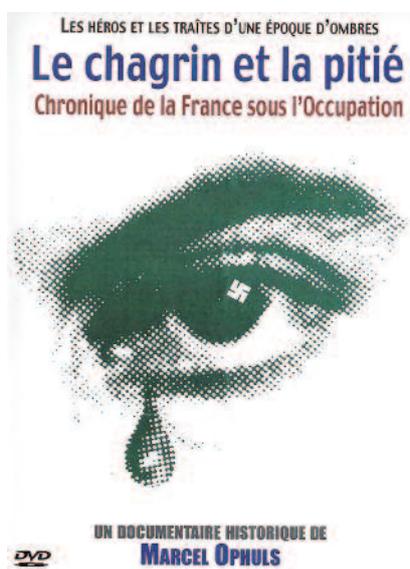
Le chagrin et la pitié. 1969, 251 minutos, de Marcel Ophuls, em duas partes. Tráfico da colaboração entre o governo de Vichy e os nazis ... entrevistas e imagens de arquivos sobre as complexidades desta época.

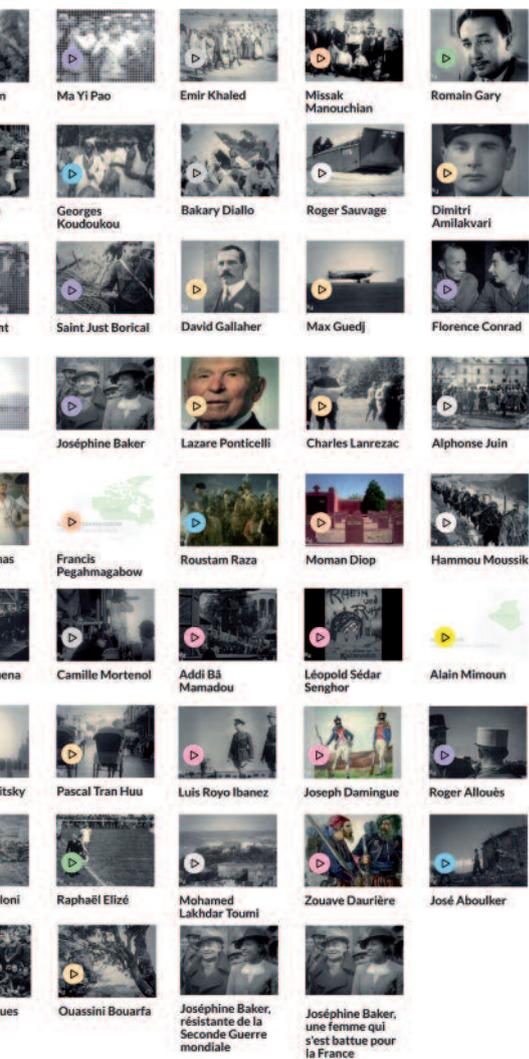
FTP-MOI dans la Résistance. 2013, 90 minutos de Mourad Laffitte e Laurence Karsznia. film-documentaire.fr/capuseen.com

Étrangers dans la Résistance. sms.hypotheses.org

Le maquis de l'Ain. 2019, 54 minutos, de Romain Clément e Yoann Peillex, TV Presse e Cairn Films, Arte.tv. O « maquis » que causou mais mortes à Wehrmacht e um dos mais desconhecidos. Pode demonstrar toda a sua força, graças à coragem dos seus combatentes, à cumplicidade dos habitantes do l'Ain, bem como o brio de Henri Romans-Petit, seu chefe..

No pasarán, álbum souvenir. 68 minutos, de Henri-François Imbert, 2003, 35, 16+ mm & Super 8. O cineasta tinha encontrado uma série incompleta de seis cartas postais mostrando os acontecimentos que tiveram lugar na aldeia da sua família, próximo da fronteira espanhola, logo que os republicanos chegaram a França, fugindo dos franquistas no fim da guerra civil em 1939. Vinte anos mais tarde, lança-se à procura das 23 cartas postais, reputadas inacessíveis que faltam à coleção.





Frères d'armes : Ils se sont battus pour la France depuis plus d'un siècle. INA.fr. Realizado por ocasião do 100º aniversário da Primeira Guerra mundial e 70º aniversário da Libertação, esta série traça um retrato de combatentes, homens e mulheres, vindos do mundo inteiro participar nas diversas operações do Exército francês na Europa e no estrangeiro. Bdm comunicação, France Televisions, Gaumont Pathé Archives, INA, Tessalit productions. Comentador: Jacob Desvarieux. Realizadores: Rachid Bouchareb, Pascal Blanchard.

Filmes de ficção

L'armée du crime. 2009, 139 minutos, de Robert Guédiguian, com Simon Abkarian e Virginie Ledoyen. Sobre o grupo Manouchian.

Les Hommes libres. 2011, 99 minutos, de Ismael Ferrouhki, zerodeconduite.net. Younès, emigrante argelino, vive do mercado negro. Preso pela polícia francesa, aceita espionar a mesquita de Paris, suspeita de emitir documentos falsos a Judeus e a resistentes. Face à barbárie que o envolve, Younès transforma-se progressivamente em combatente da liberdade.

Paris brûle-t-il? 1966, 170 minutos, de René Clément. Adaptado do best-seller, Paris brule-t-il? de Larry Collins e Dominique Lapierre, narração muito documentada sobre a libertação de Paris.



para ajudar o marido desta, o herói da Resistência, Victor Laszlo, que deverá fugir de Casablanca para continuar o seu combate contra os nazis.

Le sang des autres. 1984, 135 minutos, de Claude Chabrol. MGM Télévision. Adaptado do romance homónimo *Le sang des autres*, (1945) de Simone de Beauvoir. É a história de uma jovem abalada entre o impulso existencialista dos desafios políticos da resistência e a responsabilidade das consequências das suas próprias ações.

Odette. 1950, 124 minutos, de Herbert Wilcox. Baseado na história verdadeira do agente francês das operações especiais, Odette Sansom (Anna Neagle). Odette que segue Samsom enquanto viaja através da França como agente de espionagem. Foi baseado no romance de Jerrad Tickell e foi um sucesso de bilheteira na Inglaterra.

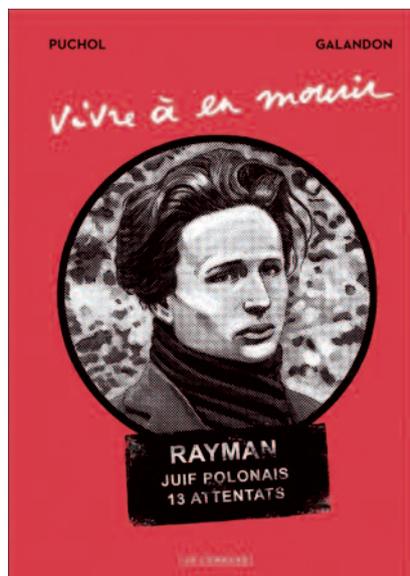
Le dernier métro. 1980, 131 minutos, de François Truffaut, Gaumont. Desde que a metade norte da França foi invadida pelos nazis, os parisienses passam as noites nas salas de espetáculos, para se resguardarem do frio. Em Setembro de 1942, a atriz de renome Marion Steiner só pensa nos ensaios da peça norueguesa, *La Disparue*, que vai ser representada no teatro Montmartre, do qual ela assegura a direção no lugar do seu marido, Judeu alemão, oficialmente exilado na América. Na realidade, ele vive na cave do teatro. Todas as noites, Marion vai visitá-lo. Graças a um tubo de aeração, ele dirige os ensaios.

Armée des ombres. 1969, 139 minutos, de Jean-Pierre Melville, Valoria Films. Adaptação do romance de Joseph Kessel, de 1943. Com Lino Ventura, Paul Meurisse, Jean-Pierre Cassel e Simone Signoret. Mal acolhido a principio mas reconsiderado em seguida.

Casablanca. 1942, 102 minutos, Michael Curtis, com Ingrid Bergman e Humphrey Bogard. O conflito de Rick Blaine entre o amor e a virtude. Ele deve escolher entre os seus sentimentos por Ilsa Lund e a necessidade de fazer o que é justo

Banda desenhada

Vivre à en mourir. 2018, BD, Puchol e Galandon, Le Lombard, Bruxelles, 2018. À partida, Marcel Rayman é um pacifista. É judeu e correm já notícias sobre o seu destino nos países sob domínio alemão. Os Rayman são de origem polaca e quando o Reich ataca a URSS em 1941 o partido comunista passa para a Resistência. O pai de Marcel é preso pela polícia francesa. As rusgas começam então. Marcel quer bater-se e entra na clandestinidade. Vichy impõe o si da estrela. Acontece a rusga do Val d'Hiv e Marcel passa à ação violenta. Um general SS é abatido ...



Exposição

« Les étrangers dans la résistance – Le cas des Portugais ». Exposição do Comité Sousa Mendes.

O comité Sousa Mendes

O Comité Sousa Mendes foi criado em Bordéus em 1987 por três personalidades: o padre Rivière, Manuel Dias e Joaquim Nogueira. Nessa altura corria em Lyon o processo de Klaus Barbie, criminoso de guerra nazi. O Comité teve visibilidade durante o processo Papon em Bordéus em 1987-1988.

Desde 1987, o Comité toma consciência da ação humanitária cumprida em 1940 em Bordéus, Baiona e Toulouse por Aristides de Sousa Mendes, na sua qualidade de Cônsul Geral de Portugal em Bordéus e no Sudoeste.

Nesse momento trágico da nossa história mundial, ele ousou dizer “não” à Salazar, opondo-se em particular à circular racista de 11 de Novembro de 1939: a famosa circular nº 14. Aristides de Sousa Mendes, em sua alma e consciência, tomou sozinho a iniciativa de conceder vistos para a liberdade a mais de 30.000 pessoas em perigo, entre as quais, 10.000 de confissão judaica, a milhares de cristãos, a portadores de passaporte Nansen, a centenas de Republicanos espanhóis ...

O Comité conduz e realiza ações diversas e numerosas na Região Nouvelle-Aquitaine, em França e em Portugal, para dar a conhecer e a honrar a herança e o compromisso humanista do Cônsul Aristides de Sousa Mendes, em particular pela educação à cidadania e à transmissão das memórias. Desde a sua origem, a criação de projetos, a dinâmica e as realizações são levadas a cabo pela devoção, corpo e alma, do infatigável Manuel Dias Vaz.

Durante 37 anos, o Comité Sousa Mendes:

- criou e apoiou o diálogo com a família Sousa Mendes, na Europa e no mundo;
- sustentou a parceria com as comunidades judaicas da Aquitânia e francesa;
- afirmou a parceria com as instituições locais, regionais e nacionais;
- manteve relações com as autoridades portuguesas, com a embaixada de Portugal em França e o seu consulado geral de Portugal em Bordéus e o Ministro dos Negócios Estrangeiros;
- apoiou as relações com as Fundações Sousa Mendes em Portugal e nos Estados Unidos;
- assegurou a gestão das edições 14 (pertença do Comité Sousa Mendes) e as suas numerosas publicações;
- comprometeu-se com o processo Papon;
- concebeu e erigiu em 1994, o busto de Aristides de Sousa Mendes na Esplanada Charles de Gaulle em Bordéus;
- Implicou-se na produção de filmes, documentários e de ficção: O cônsul proscrito, Desobediência, O cônsul de Bordéus, A herança de Aristides;
- Obteve em 2017, a delegação neo-aquitânia da Liga dos Combatentes e Resistentes portugueses;
- participou, no dia 9 de Abril de 2018, às comemorações do centenário da batalha de La Lys, em Lacouture e Richebourg, em Hauts de France, na presença dos presidentes da república português e francês.
- concebeu e realizou as exposições, “Aristides de Sousa Mendes, o Justo da Aquitânia”, “Les apports de l’immigration portugaise”, “1940, O exílio para a vida”;
- organizou o ciclo de uma dezena de conferências, de 2021 a 2023 “Os estrangeiros na Resistência – o caso dos portugueses” assegurando a sua captação pelo Youtube;
- concebeu e erigiu a estela em memória dos 349 combatentes portugueses internados no campo de Gurs, em 1939 e 1940 e organizou uma conferência em Oloron-Ste-Marie, bem como uma grande cerimónia em Setembro de 2021 em Gurs;
- elaborou em 2021 os preparativos da entrada de Aristides de Sousa Mendes no Panteão português.

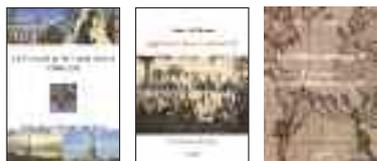


CERIMÓNIA DO 12 DE SETEMBRO DE 2021 NO CAMPO DE GURS EM HOMENAGEM AOS 349 PORTUGUESES INTERNADOS EM 1939 E 1940.
FOTO V. NOGUEIRO FERNANDES



O BUSTO DE ARISTIDES DE SOUSA MENDES NA ESPLANADA CHARLES DE GAULLE NOS JARDINS DE MÉRIADECK EM BORDÉUS. FOTO B. LHOUMEAU

As edições



2022

La Nation portugaise ou l'histoire d'une diaspora juive, Manuel Pereira Guimarães, ISBN 9782490458196, 2022, 144 p. 11 x 18. 15 €

La magie de la poésie – A magia da poesia e a força da amizade, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782490458172, 2020, 112 p. 11 x 18. 10 €

Eduardo Lourenço – coletivo, ISBN 9782490458165, 2022, 32 p. 15 x 21.



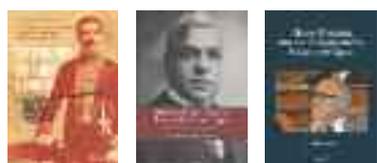
2021

1940, l'exil pour la vie – catálogo da exposição trilingue, Marie-Christine Volovitch-Tavares, Cláudia Ninhos, Victor Pereira, dir. Manuel Dias Vaz, ISBN 9782490458073, 2021, 96 p. 21 x 29,7. 20 €

9782490458073

1940, l'exil pour la vie – exposição itinerante disponível para a locação. Marie-Christine Volovitch-Tavares, Cláudia Ninhos, Victor Pereira, dir. Manuel Dias Vaz, Set. 2021, 20 px. 800 x 2 000.

1940, o Exílio para a Vida – exposição itinerante disponível para a locação. Marie-Christine Volovitch-Tavares, Cláudia Ninhos, Victor Pereira, dir. Manuel Dias Vaz, Março 1020, 20 px. 800 x 2 000.



2020

Le dialogue des mémoires – O diálogo das memórias, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782490458059, 2020, 112 p. 11 x 18. 10 €

1940, l'exil pour la vie, catálogo da exposição, Marie-Christine Volovitch-Tavares, Cláudia Ninhos, Victor Pereira, dir. Manuel Dias Vaz, Bernard Lhoumeau, ISBN 9782490458073, 2020, 96 p. 21 x 29,7. 20 €

Apontamentos de uma vida, Jaime de Morais, dir. Cristina Clímaco, Heloisa Paulo, ISBN 9782490458042, 2020, 312 p. 14,8 x 21. 15 €

75^e anniversaire de l'action d'Aristides de Sousa Mendes. 70^e anniversaire de la fin de la 2^{de} Guerre mondiale et de la libération des camps, collectif, ISBN 9782953503982, 2016, 92 p. 21 x 28. Ré-édition



2019

Le Portugal et la Grande Guerre 1914-1918, Valentin Nogueiro Fernandes, ISBN 9782490458028, 2019, 322 p. 14,8 x 21. 20 €

Hommage à Gérald Bloncourt – coletivo, ISBN 9782490458035, 2019, 24 p. 14,8 x 21

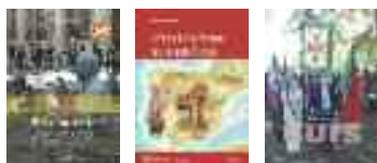
Alvaro Pimenta, une vie d'engagements franco-portugais, Sophie Neupert, ISBN 9782490458004, 2019, 130 p. 14,8 x 21. 15 €



2018

Les vents de la mémoire – Os ventos da memória, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782955962398, 2018, 126 p. 11 x 18. 13,50 €

A passagem clandestina dos portugueses pela fronteira do País basco, Rosa Arburua Goienetxe, ISBN 9782955962367, 2018, 192 p. 14,8 x 21. 17 €



2017

Les Portugais dans la Grande Guerre – Catálogo da exposição, coletivo, parceria Liga dos combatentes e conselho regional da Nova-Aquitânia. ISBN 9782955962336, 2017, 48 p. 21 x 21.

30 ans au service des mémoires, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782955962350, 2017, 48 p. 14,8 x 21.

Le passage clandestin des Portugais par la frontière du Pays basque, Rosa Arburua Goienetxe, ISBN 9782955962343, 2017, 196 p. 14,8 x 21. 17 €

Centenaire 1^{re} convention franco-portugaise de main-d'œuvre civile et militaire, atos do colóquio de Hendaia, Bordéus e Paris, 2016, coletivo 2016, collectif, ISBN 9782955962305, 2017, 144 p. 21 x 29,7.



2016

Sur les traces des réfugiés sauvés par Aristides de Sousa Mendes en mai et juin 1940 à Bordeaux, Bayonne et Hendaye... – percurso de memória, 2016, 8 p. 14,8 x 21.

On the trail of the refugees saved by Aristides de Sousa Mendes in May and June 1940 in Bordeaux, Bayonne and Hendaye..., memory lane, 2016, 8 p. 14,8 x 21.

Les apports de l'immigration portugaise à Bordeaux et en Aquitaine. Cinq siècles de présence Exposição, 2016, 21 px 80 x 120. Loc.

75^e anniversaire de l'action d'Aristides de Sousa Mendes. 70^e anniversaire de la fin de la 2^{de} Guerre mondiale et de la libération des camps. Coletivo, ISBN 9782953503982, 2016, 92 p. 21 x 28.

Le Portugal et les Portugais dans la guerre d'Espagne, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782953503999, 2016, 20 p. 14,8 x 21. Brochura.

O Contributo da imigração Portuguesa em Bordéus e na Aquitânia. Cinco séculos de presença. exposição, 2016, 21 px 80 x 120. Loc.

2015

Graines d'espérance – Sementes de esperança. Manuel Dias Vaz, ISBN 9782953503975, 2015, 68 p. 11 x 18. 10 €

Les apports de l'immigration portugaise à Bordeaux et en Aquitaine. Cinq siècles de présence, Livro pedagógico, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782953503951, 2015, 44 p. 21 x 29,7. Broché

Os contributos da imigração portuguesa em Bordéus e na Aquitânia. Cinco séculos de presença, livro pedagógico, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782953503968, 2015, 44 p. 21 x 29,7. Broché

Mémoire de l'immigration en Aquitaine, coletivo de memória oral, co-edição Rahmi, CD.

2014

La communauté silencieuse – Mémoire de l'immigration portugaise en France, dir. Manuel Dias Vaz, co-edition Elytis, ISBN 9782356391384, 2014, 256 p. 17 x 24.

Portugais de France et d'ailleurs, entrevistas video, Raymond Arnaud, DVD.

2013

Les jumelages et la coopération décentralisée entre la France et le Portugal – Relatório, coletivo, ISBN 9782953503944, 2013, 104 p. 21 x 29,7.

6 jours pour rendre hommage – album fotos, coletivo, ISBN 9782953503937, 2013, 48 p. 21 x 21.

2012

Aristides de Sousa Mendes selon Sebastian Mendes, catálogo de exposição, coletivo, co-edition Archives départementales de la Gironde, ISBN 9782860330763, 2012, 64 p. 21 x 29,7.

« *Aristides de Sousa Mendes, le Juste d'Aquitaine* », exposition, ISBN 9782953503982, 2012, 15 px. 70 x 100. Loc.

2011

Parfums de vie et de liberté – Perfumes de vida e de liberdade, Manuel Dias Vaz, ISBN 9782953503920, 2011, 252 p. 11 x 18. 15 €

2010

Le pouvoir de dire « non », coletivo, ISBN 9782953503913, 2010, 150 p. 14,8 x 21. 17 €

Aristides de Sousa Mendes, Héros "rebelle", juin 1940, dir. Manuel Dias Vaz, co-edition Confluences, ISBN 9782355270376, 2010, 142 p. 17 x 24. 10 €

9 jours pour sauver 30 000 personnes, livro pedagógico, coletivo, ISBN 9782953503906, 2010, 28 p. 21 x 29,7. Broché. 10 €





Ligue des combattants
et résistants portugais
Délégation néo-aquitaine



mémoire et solidarité



ARCHIVES
DÉPARTEMENTALES



UNIVERSITÉ
DE PAU ET DES
PAYS DE L'ADOUR

UNIVERSITÉ
PARIS 8



Le CERMI

MIGRINTEN



Brochura

Os estrangeiros na Resistência – O caso dos Portugueses

Sob a direção de Manuel Dias Vaz

Realizado graças ao contributo de Valentin Nogueiro Fernandes e Manuel Semião

Grafismo, produção Lhoumeau.com

ISBN 9782490458233